



**Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras**

Departamento de Economia

PROJETO DE MONOGRAFIA

Curso de Ciências Econômicas

**ECONOMIA DO TERRORISMO: ANÁLISE DE SUA TEORIA E
CONSEQUÊNCIAS.**

Aluna: Lia Ramos Mello Monteiro

Orientador: Alexandre Sartoris

LIA RAMOS MELLO MONTEIRO

**ECONOMIA DO TERRORISMO: ANÁLISE DE SUA TEORIA E
CONSEQUÊNCIAS**

MONOGRAFIA: CIÊNCIAS ECONÔMICAS.

Universidade Estadual Paulista

Araraquara

2012

LIA RAMOS MELLO MONTEIRO

**ECONOMIA DO TERRORISMO: ANÁLISE DE SUA TEORIA E
CONSEQUÊNCIAS.**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Econômicas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito parcial para obtenção de grau de bacharel em Ciências Econômicas, sob orientação do Professor Doutor Alexandre Sartoris Neto. Submetida à aprovação da Banca Examinadora composta pelo Professor Doutor Alexandre Sartoris Neto e pelo Professor Doutor André Luiz Corrêa.

“Today, we were unlucky. But remember we have only to be lucky once. You will have to be lucky always.”

Irish Republican Army (IRA)

AGRADECIMENTOS:

Primeiramente agradeço aos meus pais Iliane Aparecida Ramos Mello e Aylton Alves Monteiro que são minha fortaleza, fonte de inspiração, carinho, proteção. Agradeço pelos anos que dedicaram para a minha educação me ensinando a ser uma pessoa determinada, ética e honesta. Agradeço também por aguentarem por quatro anos a longa distância que separa Araraquara e Pindamonhangaba, me impossibilitando de visitá-los mais vezes. Tenho consciência de que foi muito difícil, porém aguentaram a dor da saudade para me ver realizar um sonho.

Agradeço também aos amigos que sempre acreditaram em mim e me incentivaram a continuar batalhando para ingressar na faculdade: Danielle Defávári, Mariana Cavesso, Aline Fonseca, Kelly Fernandes, Maria Eduarda Mera, João Marcos Ferreira, Rafaella Lima, Annelise Maia, Gabriel Fruschimit, Matheus Donato.

A mudança para uma nova cidade me beneficiou com novos relacionamentos. Agradeço a todos meus colegas de classe da turma XXVII de Ciências Econômicas, juntos batalhamos para que nossos anseios fossem atendidos. Foi muito prazeroso passar quatro anos ao lado de vocês, em especial gostaria de ressaltar: Mariana Dias, Daniela Reami, Larissa Marques, Paulo Reis, Gustavo Sammarco Dias, Gabriel de Paula, Felipe Katashi, Felipe Busnardo, João Rapatoni pelo carinho e companheirismo. Em especial gostaria de ressaltar aqueles que temporariamente ou não foram para longe e me deixaram com saudades e mostraram quão importantes são: Lais Belisário Sardinha, Larissa Fernandes e Luis Guilherme Spinardi.

Agradeço aquelas que me fizeram a me adaptar tão bem em Araraquara, fator essencial para que pudesse ficar tão longe de casa: Bruna Baccarin, Juliana Mussato, Lidiane Fonseca, Caroline Contin, Silmara Nascimento, Marcelo Dell'Aquila, Fábio Bernal.

Sou grata por ter encontrado amigas que hoje posso chamar de irmã, mãe, vó, filha que apesar das brincadeiras, realmente fomos e somos uma família. Natalia Hidemi Kubota, Jéssica Silva Peixoto, Mayara Silva Lima, Maria Fernanda Ferreira, Bruna Lopes de Oliveira, Carolina Martiniano, Marina Calixto. Obrigada todas as gotinhas pelo carinho, confiança, amor e principalmente se mostrarem amigas nos momentos difíceis e adversos, vocês são a minha fortaleza aqui em Araraquara.

Agradeço também a meus queridos amigos: Victor Noyama de Lara, Renato Moreira, André Spinelli, Luine de Oliveira, Fernanda Murad, Rafael de Lara, Lucas Borato, Vinícius Cattai, Rodrigo Jeffery, Edgar Araújo, Lorane Carvalho, Camila Yukie, Dimitri Ramirez Suizu.

Agradeço também ao corpo docente do departamento de Ciências Econômicas da UNESP, pela dedicação e paciência ao longo desses quatro anos e meio, em especial ao Professor Dr. Alexandre Sartoris, por me orientar e ajudar a concluir este estudo, e também a Professor Dr. Andre Luiz Correa, que aceitou fazer parte da banca examinadora.

Por fim e não menos importante agradeço a minha irmã Luiza Ramos Mello Monteiro, que apesar das brigas sempre foi, desde pequena, meu modelo e inspiração. Sua determinação para conseguir seus objetivos te levou para Londres e infelizmente não pode acompanhar de perto a caçula se graduando. A saudade não é maior que o amor e o orgulho de te ver realizando um sonho. Obrigada pelos conselhos e companheirismo.

RESUMO

Neste trabalho propõe-se o debate de teorias econômicas sobre o terrorismo. Objetiva-se debater as diferentes abordagens da literatura bem como demonstrar suas influências e consequências na economia de um país. Mostram-se ainda dados e trabalhos empíricos dos efeitos do terrorismo na economia americana, espanhola e israelense.

Palavras chaves: Terrorismo, teoria, economia,terroristas.

SUMÁRIO:

Introdução	9
1. Abordagem Teórica e Histórica	10
1.1 Introdução.....	10
1.2 Definição.....	10
1.3 Cronologia Histórica.....	12
1.4 Tipos de Abordagem.....	15
1.4.1 Abordagem Ortodoxa.....	15
1.4.2 Abordagem Crítica.....	17
1.4.2.1 Nível Estatal.....	18
1.4.2.2 Nível Não Estatal.....	20
1.4.2.3 Nível Estrutural.....	21
1.4.2.4 Nível Individual.....	23
1.5 Teoria da Escolha Racional.....	24
1.5.1 Política de Dissuação.....	25
1.5.2 Política Benevolente.....	26
1.5.3 Teoria dos Jogos.....	30
1.6 Conclusão.....	34
2. Economia e Terrorismo.....	35
2.1 Introdução.....	35
2.2 Efeitos do Terrorismo na Economia.....	35
2.2.1 Terrorismo e Bem Estar.....	36

2.2.2 Educação, Pobreza e Terrorismo.....	40
2.2.3 Mercado de Ações e Seguros.....	41
2.2.4 Comércio.....	43
2.3 Contraterrorismo: medidas de segurança e combate.....	44
2.3.1 Ajuda externa como ferramenta contraterrorista.....	45
2.3.2 O Modelo.....	47
2.4 Conclusão.....	52
3. Trabalhos e Análise Empírica.....	53
3.1 Introdução.....	53
3.2 Resultado por Países.....	53
3.2.1 Estados Unidos.....	54
3.2.1.1 O 11 de Setembro.....	54
3.3 Espanha.....	66
3.4 Israel.....	76
3.5 Conclusão.....	82

:

INTRODUÇÃO:

Este estudo visa discutir as diferentes abordagens da teoria terrorista bem como demonstrar suas influências que atos terroristas podem ter na economia de um país.

Este trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo busca introduzir o leitor a literatura terrorista. Dessa forma inicia-se o primeiro capítulo conceituando o que é terrorismo, bem como trás uma cronologia histórica de relatos terroristas. Abordam-se as diferentes vertentes da literatura terrorista e por fim apresentam-se as teóricas econômicas que explica o comportamento de um agente terrorista.

O segundo capítulo busca-se apresentar como o terrorismo afeta a economia de um país. Escolheram-se os seguintes setores estratégicos: crescimento econômico, mercado de ações, educação, seguro e turismo.

Por fim, são apresentados trabalhos e dados empíricos selecionados a fim de exemplificar situações reais que ocorreram em diferentes tipos de economia. Os países estudados são Estados Unidos, Espanha e Israel.

CAPÍTULO 1 - ABORDAGEM TEÓRICA E HISTÓRICA

1.1– Introdução:

O objetivo do primeiro capítulo é localizar o leitor quanto às origens dessa área de estudo bem como auxiliar em sua compreensão quanto ao tema em aspectos de definição e teoria.

1.2 – Definição:

“Há cerca de tantas definições disponíveis para terrorismo como existem especialistas na área. A falta de consenso é em certa medida inevitável dada à heterogeneidade dos comportamentos terroristas, a variedade de motivações declaradas ou assumidas, e a questão de ponto de vista.”¹

A definição de uma palavra é basicamente uma equação; um termo novo, desconhecido e mal entendido (*definiendum*), é descrito (definido) por dois velhos, compreensíveis termos (*defeniens*). A pergunta a ser feita é: quantos termos podem e devem definir terrorismo?

Não há definições reais, mas sinônimos, traduções ou impressões tais como, por exemplo, associar tal termo a comunismo, crime, matar inocentes, que serão discutidas na sessão a seguir.

A Tabela 1, a seguir, lista as 22 categorias de palavras que foram achadas nas 109 definições existentes sobre terrorismo. Em ordem decrescente de frequência, as palavras são:

¹ JONGMAN; SMIDIT, 2005.

Tabela 1: Frequência de definições

Table 1.2. Frequencies of Definitional Elements in 109 Definitions.⁹

<i>Element</i>	<i>Frequency</i>
1. Violence, force	83.5%
2. Political	65 %
3. Fear, terror emphasized	51 %
4. Threat	47 %
5. (Psych.) effects and (anticipated) reactions	41.5%
6. Victim-target differentiation	37.5%
7. Purposive, planned, systematic, organized action	32 %
8. Method of combat, strategy, tactic	30.5%
9. Extranormality, in breach of accepted rules, without humanitarian constraints	30 %
10. Coercion, extortion, induction of compliance	28 %
11. Publicity aspect	21.5%
12. Arbitrariness; impersonal, random character; indiscrimination	21 %
13. Civilians, noncombatants, neutrals, outsiders as victims	17.5%
14. Intimidation	17 %
15. Innocence of victims emphasized	15.5%
16. Group, movement, organization as perpetrator	14 %
17. Symbolic aspect, demonstration to others	13.5%
18. Incalculability, unpredictability, unexpectedness of occurrence of violence	9 %
19. Clandestine, covert nature	9 %
20. Repetitiveness; serial or campaign character of violence	7 %
21. Criminal	6 %
22. Demands made on third parties	4 %

Em média, estudiosos da área tem usado oito dessas categorias de palavras para definir terrorismo. A questão é se a lista acima contém todos os elementos necessários para uma boa definição. A resposta provavelmente seria 'não'. Alguns elementos se sobrepõem, enquanto outros podem faltar. A melhor solução é continuar debatendo sua definição

para excluir alguns termos e incluir outros. Muitos autores preferivelmente acharão suas definições melhores que outras.

Portanto, podemos concluir que não há uma única definição para o ato terrorista, isso porque conflito e violência tem sido a razão para o desenvolvimento de sua própria história. Os acontecimentos da Guerra de Tróia, descrita nas *Ilíadas* de Homero, é exemplo dos primeiros registros da história da humanidade e foi inspirado por conflitos. A partir de então, tem-se registros de outros conflitos, como guerras medievais, revoluções e guerras contemporâneas que evidenciam a continuidade de tal ato.

O estudo sobre terrorismo está intrinsecamente relacionado a conflito, pois este também procura não apenas explicar a natureza humana, mas também mostra uma tentativa de entender por que o último ocorre para, então, produzir medidas e assim impedi-lo.

1.3 – *Cronologia Histórica:*

O terrorismo tornou-se uma área de estudo nas décadas de 1960-70. Durante os anos de 1960, no decorrer da Guerra Fria, países ocidentais e seus aliados lutavam contra movimentos anti coloniais, grupos de esquerda e guerrilhas e insurgências revolucionárias na Indochina, África, América Latina. Como esses movimentos combatiam o comunismo e a descolonização, os ocidentais começaram a referir-se a esses grupos como “terroristas”. Na insurgência da Malásia, por exemplo, os britânicos denominavam seus oponentes como ‘terroristas comunistas’ (CT), a fim de deslegitimá-los e minar apoio da comunidade.

Em outros casos, alguns grupos revolucionários começaram a organizar as estratégias para guerrilha urbana, com bombardeios, ataques militares. Foi o que ocorreu com a *Frente de Libertação Nationale* (FLN) na Argélia, por exemplo, onde se plantaram bombas em cafés e outros locais públicos em que os colonos franceses se reuniam e assassinaram soldados e funcionários; já a *Organização de Libertação da Palestina* (OLP) começou a sequestrar aviões internacionais para divulgar a causa palestina.

Muitos estudiosos que analisavam a contra insurgência a fim de ajudar os militares do ocidente a lutar melhor contra os revolucionários,

passaram a analisar especificamente os atos terroristas e os grupos não estatais que os cometeram. A intenção inicial era reforçar os esforços ocidentais contra insurgência para ajudar no projeto de medidas antiterroristas. Como consequência, deu-se precocemente o surgimento do campo de estudo terroristas, inicialmente denominado 'contra insurgência disfarçada de ciência política'.²

A partir de 1970, o campo começou a crescer e estabelecer-se, surgindo um grupo de especialistas no assunto e que iniciaram o estudo ortodoxo do terrorismo que será discutido mais adiante.

Os centros de investigação terrorista também foram estabelecidos naquele momento como o *St. Andrews Centro de Estudos de Terrorismo e Violência Política* (CSTPV) e a *Corporação de Pesquisa e Desenvolvimento* (RAND), uma fundação de p

Pesquisa sem fins lucrativos, estabelecida pelas forças aéreas dos Estados Unidos, com laços com os estabelecimentos militares americanos e políticos, bem como a segurança privada e companhias militares. Essa fundação também foi altamente influente na consolidação do campo contra o terrorismo.

Portanto, nos anos de 1980, os estudos de terrorismo possuíam todas as características de um campo autônomo acadêmico: grupo de peritos, um *corpus* de trabalhos publicados sobre o assunto, publicações acadêmicas, instituições de pesquisa e um conjunto de regularidade atividades acadêmicas, tais como conferências e seminários.

Apesar de o campo ter permanecido relativamente pequeno até início dos anos 2000, ele deve ter provavelmente exercido um nível significativo de influência político e sociocultural nas sociedades ocidentais. Isto é em parte porque os estudiosos pioneiros tinham acesso ao poder do Estado, através de sua estrutura institucional posições e *links* para os funcionários.

Como consequência de seu posicionamento, influência e competência, os autores do tema também têm sido regularmente chamados a prestar assessoria política para contraterrorismo funcionários (REID,

1997). Além disso, eles frequentemente aparecem nos meios de comunicação para fornecer comentários e explicação do terrorismo, histórias relacionadas ao público em geral (MILLER E MILLS, 2009). Com efeito, através desses processos, os principais estudiosos garantiram que as suas perspectivas e abordagens - seu "conhecimento" do terrorismo - permanecem influentes entre políticos, estudiosos, a mídia e o público em geral.

Como consequência desses processos, pode-se argumentar que o campo do terrorismo ortodoxo desenvolveu um interesse material no longo prazo e a manutenção do terrorismo como uma preocupação política pública: o financiamento, prestígio, carreiras e influência permanente de estudiosos dentro do campo. Dessa forma, tem-se discutido que o terrorismo ortodoxo tornou-se uma espécie de "indústria de terrorismo", que gera uma grande quantidade de atividade intelectual, cultural e política, e que exerce influência real.

Na próxima sessão serão retratados os tipos de abordagens que identificamos nessa sessão. Antes disso, a fim de tornar a compreensão mais didática segue um quadro resumo:

Quadro 1. Resumo dos Conceitos

Década:	Conceito
1960-1970	Início e estabelecimento da área de estudo nos quais especialistas analisavam grupos tidos como revolucionários e em oposição de governos locais. Forte ligação com a área militar.
1980	Os estudos de terrorismo possuíam todas as características de um campo autônomo acadêmico estreitam-se a ligação com a área militar.
1990-até atualmente	Surge o conceito de "novo terrorismo" tratando-o de forma mais global, após 11 de setembro de 2001 tornou-se moeda política e ganhou apoio de massas.

1.4 Tipos de Abordagem:

1.4.1 Abordagem Ortodoxa:

O campo ortodoxo da pesquisa em terrorismo – a indústria do terrorismo- é o principal discurso para entender, explicar e lidar com o terrorismo. Sendo assim é considerado como uma doutrina sobre a eficácia da violência inesperada e risco que esta pode causar para a mudança política e ação política.

Atos terroristas são visto,segundo a doutrina ortodoxa, como uma ameaça ao Estado. Dessa forma, decidiram fundamentar as bases da teoria em liberdades ocidentais como Estados de direito e estado liberal democrático, como forma de lidar contra essas insurgências. Assim sendo, qualquer manifestação que fosse contra os princípios de liberdade ocidental, seria caracterizado como terrorismo.

A teoria ortodoxa do terrorismo é um discurso construído sobre ato terrorista, a fim de compreender a sua lógica, tentando explicar o ato sob a perspectiva de ambos – instigador e destinatário- seja um grupo terrorista contra o estado ou vice versa.

A visão ortodoxa se concentra principalmente em atos terroristas contra o estado, descrevendo-o como violência ilegítima por atores não estatais, em vez de uma estratégia de violência política que qualquer tipo de ator pode empregar.

Baseando-se em um número comum de temas que aparecem na abordagem ortodoxa,podemos agrupar e qualificar o tema em três áreas: funcional, simbólica e tática para descrever a teoria ortodoxa do terrorismo.

A área funcional refere-se à crença ortodoxa de que o terrorismo é a intenção de "provocar uma resposta para promover a causa pela manipulação estratégica". Esse é a questão central e sugere que o objetivo do ato terrorista é provocar uma reação e uma reação do pelo centro de poder, autoridade governamental ou de Estado contra os instigantes, os que apoiam o ato ou até mesmo sobre uma população. Rubstein chama isso de 'terrorismo heroico' e sugere que o objetivo é "provocar uma reação de

repressão indiscriminada por parte do Estado a fim de privar o governo de legitimidade e radicalizar as massas".

Para Laqueur (1977) esse conceito seria "teoria do terrorista para a provocação" e sugere que o Estado ele se destina a produzir repressão, medidas draconianas e, portanto, em última análise, minar a sua face "liberal". Os terroristas se esforçariam para mostrar a incapacidade de fornecer segurança à população e, portanto, os forçariam a recorrer a fontes alternativas, como os instigadores da violência terrorista para negociar um acordo ou fornecer governança alternativa. Isto é ilustrado na pós-Primeira Guerra Mundial em conflitos anticoloniais no Chipre e Argélia, Irlanda do Norte e Espanha.

A área simbólica, é para Hoffman (2006), a base da teoria ortodoxa, onde suas origens datam do século XIX. O conceito simbolista é usado para explicar o ato de violência terrorista como sendo uma tentativa de aterrorizar, intimidar e causar medo naqueles contra quem a violência é dirigida. Para os ortodoxos, a explicação do valor simbólico seria uma "intimidação coercitiva" ou "puro terrorismo" uso sistemático de assassinato e destruição ou a ameaça de, aterrorizar indivíduos, grupos, comunidades e governos em conceder demandas terroristas.

O discurso ortodoxo sugere que os atos de terrorismo surgem a fim de divulgar e internacionalizar o objetivo político, demonstrando a propaganda e valor publicidade que pode ser adquirida a partir de atos da violência terrorista. É o que Jenkins (1975) conceitua ao descrever "o terrorismo como teatro".

Essa compreensão do terrorismo se aplica igualmente ao Estado, gerar o terrorismo simbólico de medo e intimidação contra sua própria população nacional para garantir lealdade política e conformidade com sua autoridade. Dessa forma, o papel da psicologia do medo e que a mídia pode ter em espalhar os objetivos políticos e as mensagens dos terroristas, faz com que os ortodoxos argumentem que a natureza simbólica do modelo possa ser justificada por uma classificação do ato em nacional e internacional.

O terceiro componente da teoria ortodoxa é tático podendo ser entendido de duas maneiras: uma de curto outra de longo prazo. A de curto prazo visa ter ganhos limitados como assalto a banco a fim de financiar armas de aquisição. Esse tipo de tática foi muito usada nos anos 1970 por grupos palestinos.

A estratégia de longo prazo se baseia na guerrilha, na revolução incumbida na ideia de Mao Tsé Tung e Carlos Marighela. O ato terrorista deveria ser parte de uma luta mais ampla para a Revolução ou estágio inicial de uma revolta popular.

O campo tem falhado em desenvolver teorias sofisticadas de terrorismo para nos ajudar a entender a formas em que essa estratégia tem sido empregada por política diferente grupos e atores. Apesar de muito relevante na compreensão do terrorismo, é preciso reconhecer a teoria ortodoxa como um discurso, um dos muitos sobre a abordagem sobre o tema.

Isso sugere que para uma melhor compreensão é essencial a combinação de diferentes abordagens. Sendo elas:

1.4.2 Abordagem Crítica

O resultado de uma pesquisa na literatura terrorista mostrou a importância de uma abordagem em vários níveis, que examina a multiplicidade de fatores diferentes para explicar as raízes do terrorismo.

Isso sugere que para uma melhor compreensão é essencial a combinação de diferentes percepções. Sendo elas:

1. Teoria do terrorismo ortodoxo, é a explicação predominante de compreensão do terrorismo. Ele não participa de um debate raízes. É a base para o governo nas políticas de luta contra o terrorismo.

2. Teoria do terrorismo radical, isto é, por vezes aparente na literatura e explica e compreende o terrorismo em grande parte a partir da perspectiva do terrorista. É uma justificação para a violência e uma defesa das causas que existem predominantemente na estrutura.

3. Teoria do terrorismo moderado, esta é uma abordagem limitada em estudos de terrorismo. É uma tendência que tenta explicar e compreender as raízes do terrorismo em relação ao sócio econômico e estrutural, bem como causas políticas.

A partir de um levantamento crítico e uma pesquisa em vários níveis das raízes do terrorismo, é possível identificar, de acordo com a literatura existente sobre o tema, outros e novos tipos de abordagens.

Esses níveis são: estatal, não estatal, estrutural e individual. Apesar de cada nível de análise ter suas próprias forças e fraquezas, é importante notar que as causas do terrorismo são frequentemente visualizadas usando apenas uma destas perspectivas.

1.4.2.1 Nível Estatal:

A análise de nível de estado é a mais reveladora, pois os estudos do terrorismo estão intimamente ligados ao conceito de estado. Isto é claramente demonstrado na abordagem ortodoxa, onde terrorismo seria principalmente uma ameaça a existência do estado.

Eles compreendem dessa forma devido ao poder centralizado e a primazia do estado e aos conceitos de que o estado tem o monopólio. Ainda sob a perspectiva estatal, as raízes do terrorismo e sua subsequente manifestação de violência se apoiam na proteção e preservação desses conceitos.

Sob o ponto de vista de outras abordagens, que não a ortodoxa, em nível estatal, o estado teria um papel fundamental na geração de terrorismo devido a resposta que ele adota. Neste discurso, o terrorismo é parte da condição natural do Estado, como ele é gerado, paradoxalmente, como o terrorismo de Estado, em resposta à ameaça de terrorismo e é usado essencialmente para criar ordem e manter o poder político.

A implicação de adotar esse argumento para as raízes do terrorismo sugere a existência de terrorismo inerente dentro do Estado, o que implica que o terrorismo é não só endêmico, mas também vital para a existência do

Estado. Tanto conflitos como terrorismo pode ser empregado pelo Estado para reforçar a sua posição política e, como legítimos meios militares contra os opositores. Ambos são ferramentas orientadas e foco sobre as implicações políticas de violência por outros estados.

Paradoxalmente, é também a principal resposta do Estado à ameaça de conflitos e terrorismo. Ao examinar a abordagem estatal para os terroristas é possível identificar uma causa adicional de terrorismo. O Estado é, portanto, capaz de empregar uma "mão livre" e legitimamente prosseguir uma agenda para erradicar esta oposição estado, independentemente de serem ou não na verdade, a causa do terrorismo.

Este monopólio da violência legitimada permite que os estados busquem políticas de terrorismo (contra terrorismo) contra seus oponentes tanto dentro e fora dos limites do estado por causa da legitimidade conferida a eles pelo discurso terrorista.

Este terrorismo 'desonesto' tem tornado cada vez mais evidente em países que declaram 'guerra ao terror' que legitima a violência por parte do estado para combater terroristas.

A existência de uma ameaça terrorista é útil para o Estado, uma vez que ajuda a reforçar a sua posição política e concede a ele poderes políticos extras além e acima das existentes no contrato social.

A ameaça do terrorismo em um estado tem efeito semelhante a um estado em conflito, que o torna mais coeso e poderoso, o que implica que os Estados podem empregar o discurso terrorista, a fim de prosseguir uma política de gestão de terrorismo.

O Estado pretende propagar o terrorismo e gerenciá-lo, a fim de manter o controle político da população. Este é um argumento controverso que sugere que o Estado não emprega um debate sobre as raízes do terrorismo com a intenção de facilitar a sua resolução, pois isso implicaria afrouxar a potencia da política estatal.

1.4.2.2 Nível não estatal

O nível não estatal de análise é uma abordagem que permite o reconhecimento do ator como um jogador terrorista independente do estado. Este nível de análise tem tornar-se cada vez mais importante no mundo contemporâneo, especialmente desde o final da Guerra Fria, onde o papel percebido do ator não estatal na geração de violência política aumentou consideravelmente. Hoffman (2006) propõe que o terrorismo pode ser localizado nas "ameaças à estabilidade dos Estados nação por atores não estatais e não governamentais processos e organizações."

A ênfase dada na importância de se compreender o terrorismo, é muitas vezes vista como uma batalha política no qual aqueles que buscam o poder miram como alvo aqueles que detêm poder, que em sua maioria das vezes é o próprio estado.

As abordagens mais moderadas têm apontado que as tentativas de terrorismo tendem a influenciar comunidades políticas ou o comportamento social. Então, se é valiosa para examinar as causas políticas de terrorismo em primeiro lugar, o entendimento das raízes do terrorismo precisa ir além dos limites da política.

Essa lacuna na compreensão do terrorismo pode ser preenchida pela aplicação de teorias de conflitos sociais, pois embora o conflito se manifeste na política, que tem suas raízes na relação entre indivíduo e sociedade e é, portanto, uma condição social, sugere que o terrorismo tem um propósito construtivo atuando como um catalisador para a necessária e positiva mudança social, ou formando um canal através do qual a expressar e aliviar política, social e econômica desigualdade.

As implicações desta abordagem para as raízes do terrorismo sugerem que as causas da violência podem ser localizadas em queixas políticas, sociais e econômicas. Portanto, questionando a natureza da ordem social e os resultados econômicos, sociais e perspectivas pode ser a chave para compreender a causa da violência.

Esse discurso sugere que conflito é inerente na sociedade e que está presente nas relações sociais. Terrorismo pode, portanto, ser entendido

como uma reação de violência contra a ordem social estabelecida. Isso poderia ajudar na explicação das intenções e características dos atores e dos seus objetivos.

Por implicação, portanto, é possível identificar a existência em conflito social ou funcional do terrorismo revolucionário ou terrorismo reacionário, que têm uma agenda para destruir ou quer reformar o sistema social existente.

Nesta abordagem podemos incluir a teoria da necessidade humana que revela relação entre o indivíduo (ou o grupo de não estado particular) e sociedade. Através de uma serie de fatores sócio-biológicos que são satisfeitos a partir de uma base hierárquica pode-se encontrar motivos para a violência. As necessidades individuais estão em um sistema de valores ou de sociedade e caso elas sejam frustradas, métodos como a violência são aplicados.

Um discurso que completa a teoria das necessidades humanas, é o da privação relativa, que sugere que a violência se desenvolve na sociedade entre grupos ou indivíduos que percebem um desequilíbrio relativo, seja ele político ou econômico ou social.

Esse discurso é útil porque ele focaliza a atenção sobre as diferenças percebidas no status de atores não estatais, no qual o potencial para a violência política seria o grau de descontentamento.

Esta abordagem explica que as raízes para o terrorismo podem ser explicadas por conflitos sociais e vista como uma crítica a abordagem ortodoxa, pois é incompatível com a análise de legitimidade de estado.

1.4.2.3 Nível estrutural:

Nesta abordagem, os estudos de conflitos fornecem uma maneira de entender o terrorismo através de explicações sobre a natureza e o propósito do sistema que os atores percebem que fazem parte, procurando explorar a relação entre o ator (estado / não estatal) e a estrutura, uma conexão identificada como influente nas causas de conflito.

As raízes estruturais do terrorismo são explicadas pelos ortodoxos como meramente políticas, relacionadas a ideologias e associando o terrorismo como uma reação violenta a um sistema político opressivo. Mao Tsé Tung, Che Guevara e Marighella recomendaram empregar violência terrorista para derrubar regimes repressivos e independência ganho ou liberdade.

Embora a visão ortodoxa seja importante, como anteriormente destacado, ela não consegue demonstrar outros possíveis fatores estruturais. É necessário que outra abordagem que leve em conta a estrutura seja explicitada.

A teoria do conflito estrutural leva em conta o contexto histórico e cultural de uma região e uma possível existência de cultura de violência. Fanon e Sarte (defendem a existência de endêmica de violência como uma força estrutural onipotente, que é a coesão para todas relações políticas e sociais e que dá significado e propósito para a ação política.

Usando da relação colonial entre nativos e colonos, Fanon sugere que a violência é parte inerente da cultura. Esta corrente estrutural permanente de violência representada por um espiral de violência também pode ser agravada por seu contexto histórico.

Bell (1998) descreve isso como uma "arena" ou "Ecossistema", em que "a violência é gerada devido à história, cultura, vulnerabilidade e possibilidade." isto implica que a violência pode ser gerada e prolongada pela continuidade fornecida pela memória histórica e cultural, o que sugere que algumas regiões são mais histórica e culturalmente propícias para a geração de terrorismo e conflito do que outras.

Esta abordagem é sugerir que a manifestação de terrorismo pressupõe a existência de estruturais influências históricas e culturais para o uso da violência, sob a forma de um terrorismo cultural.

1.4.2.4 Nível Individual:

O nível individual pretende investigar e, finalmente, localizar o papel do indivíduo humano na geração de terrorismo e explicar o papel político do indivíduo.

Bell (1998) sugere que a motivação ideológica do indivíduo é uma maneira útil para compreender o causa do terrorismo. Ele argumenta que todos os terroristas têm uma ideologia de ação que são englobadas no que ele chama de "sonho", que é a raiz ideológica da motivação e é a fonte da legitimidade percebida da reivindicação política e justificativa para a utilização de violência.

Na teoria ortodoxa, os estudos sem concentram na ideologia política de ação terrorista como a religião, que muitas vezes é retratado como a única causa e, em alguns casos, um substituto para a política ideológica.

Mais uma vez, o problema com a abordagem da teoria ortodoxa terrorismo é que ele concentra-se na dimensão política da religião e não para investigar outras possíveis áreas que possam vir a ser uma causa subjacente de terrorismo.

A teoria da identidade é útil para examinar a ideologia e a mentalidade do indivíduo terrorista. Esta se baseia na existência da identidade do indivíduo e forma a base da teoria da identidade social, que é uma ferramenta muito útil para expor razões alternativas para a violência entre grupos de diferentes identidades.

Ela também pode ser aplicada à religião, como a mola mestra do terrorismo. Conseqüentemente, as causas de violência podem ser facilmente localizadas na identidade do indivíduo e do grupo como com a causa imediata e muitas vezes mais, obviamente, afirmou, como religião.

Através dessa teoria também é possível abordar o tema da etnia e nacionalismo étnico e é frequentemente citado como uma causa ainda mais central do terrorismo e da violência em tanto o terrorismo e os estudos de conflito. No entanto, estudos de terrorismo, embora reconhecendo a influência da identidade esteja preocupado com a motivação política nacionalista étnica, não é necessariamente, a única causa do terrorismo.

A abordagem do estudo dos conflitos é importante para demonstrar que existem forças sociais que geram violência. Porém, não se pode deixar de destacar a força que o nacionalismo e sua ideologia tem na contribuição de atos terroristas, podendo mobilizar e em alguns casos radicalizar um indivíduo socialmente excluído para a violência.

Uma última análise de terrorismo pode ser feita por uma abordagem psicológica, examinando a mentalidade do indivíduo. O terrorista concentra-se na existência da construção de uma realidade subjetiva servindo de justificativa para o ato terrorista. Além destas racionais explicações psicológicas que também é importante incorporarem emoções psicológicas irracionais como causa do terrorismo, como o medo, o ódio, a raiva, e vingança.

As implicações para o estudo do terrorismo a partir da combinação e aplicação de conflito e da psicologia terrorista é sugerir que dentro das raízes do terrorismo, atitudes psicológicas podem desencadear terrorismo emocional e cognitivo.

1.5 Teoria da Escolha Racional:

Nesta sessão final, abordaremos a teoria que justifica o comportamento dos agentes terrorista: teoria da escolha racional. Também analisaremos seus custos oportunidades e suas estratégias.

A teoria da escolha racional, quando rigorosamente aplicada pode esclarecer e disciplinar o estudo do terrorismo bem como aumentar a gama de políticas antiterroristas.

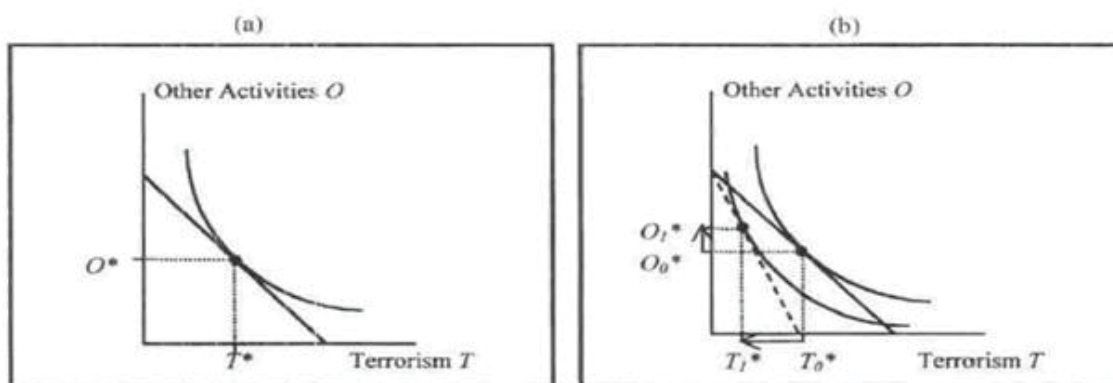
Analisaremos agora as duas estratégias capazes dissuadir os agentes terroristas de atividades violentas.

1.5.1 Política de dissuasão :

Segundo Frey & Luechinger (2003), os terroristas podem ser caracterizados como agentes racionais, escolhendo entre atividades legais e terroristas para promover seus objetivos políticos.

Essa política eleva o custo oportunidade das atividades terroristas por defender alvos potenciais, atingindo os centros de treinamento dos terroristas, infiltrando em grupos terroristas e assim por diante. É possível identificar os incentivos das perspectivas dos terroristas, o efeito da dissuasão e a quantidade de terrorismo.

Gráfico 1: Dissuasão Terrorista



Fonte: Frey & Luechinger (2003)

O gráfico 1 retrata as decisões que os terroristas têm de enfrentar, onde a restrição orçamentária depende do custo esperado das atividades terroristas e outras atividades. Analisando atentamente, observamos que a curva de restrição orçamentária é negativa em relação a curva do custo esperado de terrorismo e outras atividades.

Os custos das atividades terroristas envolvem recursos materiais, coleta de informações, o tempo despendido para elaboração do ataque bem como o perigo envolvido para realizar tal ato, ou seja, a probabilidade esperada de ser pego realizando ou tramando o ataque bem como a sentença esperada.

Os terroristas derivam sua utilidade de ambas as atividades a legal e a ilegal. A forma da curva de indiferença depende da preferência ou

motivação do agente. Para terroristas ou fanáticos com motivações independentes dos) incentivos ou desincentivos para o ataque, sua curva de indiferença será bem íngreme, podendo ser explicado pelas considerações de utilidade intertemporal.

A curva de indiferença não é apenas explicada por pelas preferências dos terroristas, mas também na eficácia do terrorismo em promover um objetivo político. Na figura (a), a curva que tangencia as curvas de indiferença e a restrição orçamentária representa o ponto de equilíbrio de intensidade do terrorismo T^* .

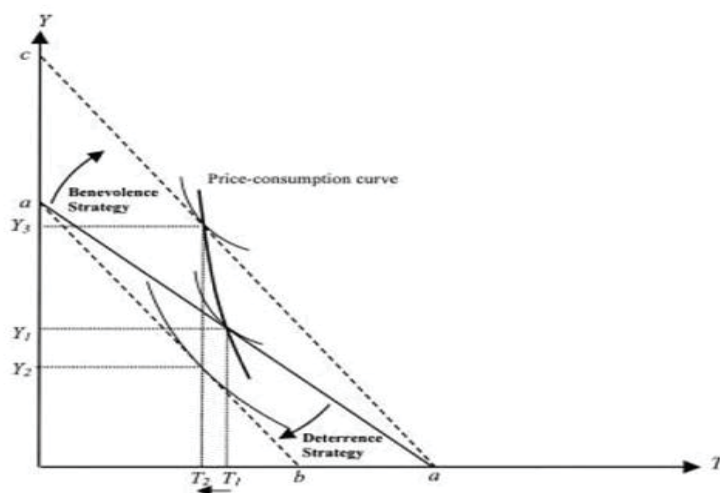
A figura (b) retrata os efeitos da política de dissuasão, aumentando o custo oportunidade e tornando os ataques mais difíceis de serem realizados, dessa forma, como pode-se observar, a curva de restrição orçamentária desloca-se para a parte interna da curva de terrorismo, diminuindo o ponto de equilíbrio que retrata a quantidade de atos terroristas de T^* para T^*_1 .

1.5.2 Política Benevolente:

A adoção dessa política também aumenta os custos oportunidades dos terroristas, mas através da redução de custos de outras atividades. Ou seja, ao contrário da dissuasão a estratégia de benevolência pode melhorar o bem estar dos terroristas (se eles tem mais bens comuns) e da população (se existe menos terrorismo).

Portanto analisemos o gráfico 2 comparativo de políticas de dissuasão e benevolência para diminuir o terrorismo.

Gráfico 2 : Teoria da Escolha Racional



Fonte: Anderton & Carton (2006)

O eixo horizontal representa a quantidade de terrorismo praticado enquanto o eixo vertical representa o bem Y . Vamos supor que a curva inicial de restrição orçamentária dos terroristas seja (aa) . De acordo com o gráfico, os terroristas consomem seu orçamento com a quantidade T_1 de terrorismo e Y_1 .

A política de dissuasão eleva os custos esperados de atividades terroristas e, portanto, aumenta o preço do terrorismo PT , fazendo com que a curva de restrição orçamentária gire ao longo do eixo T ficando na curva orçamentária (ab) .

A linha mais íngreme de orçamento reflete o maior custo de oportunidade do terrorismo.

De acordo com a lei da demanda, atividade terrorista é reduzida para algum nível abaixo da T_2 longo da linha ab orçamento. Assim pode-se esperar uma diminuição do terrorismo com uma política de dissuasão representada no gráfico 2.

Uma política de benevolência também aumenta o custo de oportunidade de terrorismo, mas fá-lo através do aumento de acesso dos terroristas ao bem composto, baixando o preço do PY . Este é mostrada na Figura 1 pela linha de orçamento ca .

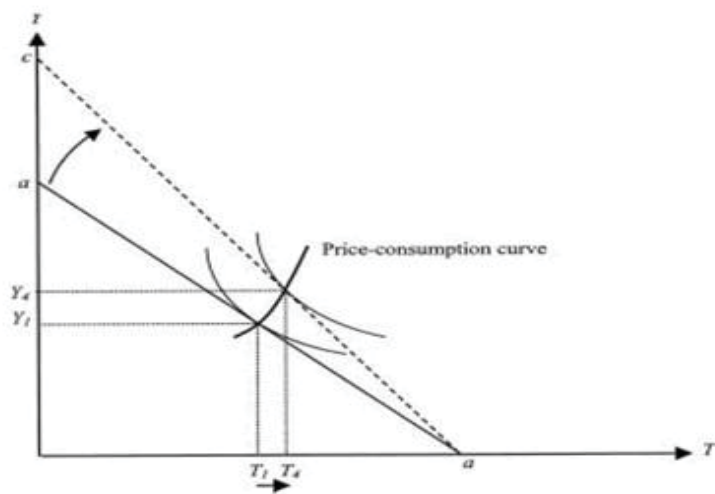
A linha mais íngreme orçamento reflete uma maior oportunidade custo de terrorismo. De acordo com Frey e Luechinger (2003), os terroristas escolhem um nível de terrorismo inferior a T1, a qual é desenhada para facilidade aqui igual a T2, o mesmo nível que no âmbito política de dissuasão.

Com base nesta análise, Frey e Luechinger (2003) concluem que política de benevolência reduz o terrorismo, pois custos oportunidade mais elevados reduz a vontade de um terrorista em potencial para cometer atividades terroristas. Dessa forma, um aumento nos custos de oportunidade, ou equivalentemente, uma redução dos custos de todas as outras atividades, por conseguinte, reduz o quantidade de terrorismo.

Porém, políticas benevolentes podem ter efeito contrário. No gráfico 3, uma diminuição de PY fez o terrorismo aumentar de T1 para T4.

Assim, o modelo de escolha racional, sem mais especificidade, é agnóstico sobre o potencial de redução de terrorismo de uma estratégia de benevolência.

Gráfico 3: Estratégia de benevolência com curva inclinada consumo ascendente dos preços :



Fonte: Anderton e Carter (2006)

Diminuição na Curva de preço-consumo e elasticidade de outros bens:

O contraste nos gráficos 2 e 3 refere-se as curvas de preço-consumo que por sua vez estão ligados a diferentes valores do próprio preço elasticidade YY .

No gráfico 2, uma diminuição do preço de Y conduz a um novo ótimo ao longo da curva preço –negativamente inclinada, reduzindo o terrorismo. Isto ocorre só se a elasticidade própria do bom composto é maior do que aquele em valor absoluto (ou seja, o bom composto é elástica preço).

No gráfico 3, uma diminuição do preço de Y leva a um novo ótimo ao longo da curva preço-consumo positivamente inclinada e, assim, aumentou o terrorismo. Isso ocorre se, e somente se a elasticidade-preço do bem composto é menor em valor absoluto (ou seja, o bom composto é inelástica).

De acordo com testes de elasticidade e de restrição orçamentária, pode-se relacionar a inclinação da curva de preço-consumo, o nível de terrorismo, e a elasticidade-preço do bem composto. Quando o preço do bem composto é reduzido, como no gráfico 2, o grupo terrorista gasta menos de sua renda fixa com o terrorismo, uma vez que a PT mantém-se inalterada

e T diminuiu em conformidade com o declive da curva negativa de preço-consumo.

Isso implica que as despesas nominais sobre outros bens aumentam quando o preço de Y cai. Y é preço elástico pois preço e despesas nominais se movem em sentidos opostos. Dessa forma, a curva preço-consumo negativamente inclinada com uma redução de terrorismo implica em uma demanda elástica.

Seguindo a mesma lógica, a curva de preço-consumo é positivamente inclinada no gráfico 3 com aumento de terrorismo somente se a demanda por Y for inelástica.

Resumindo, uma redução nos preços de outros bens vai diminuir (aumentar) o terrorismo se e somente se o composto é bom preço elástico (inelástica). Por isso seria interessante saber a elasticidade do bem composto. Pode demonstrar-se que a elasticidade do bem composto é igual a uma média ponderada das elasticidades-preço próprias e cruzadas dos bens componentes incluídos no Y .

Mais formalmente, dado que os preços de todos os bens componentes alterações pelo mesma proporção, então:

1.5.3 Teoria dos Jogos:

Durante as duas últimas décadas, um grupo de analistas em economia e ciência política tem a teoria dos jogos aplicada ao estudo de terrorismo, uma que envolve o uso premeditado ou ameaça de usar de violência ou de força por parte de terroristas para atingir um objetivo político através intimidação ou medo.

Sandler et al. (1983) apresentam alguns modelos de ator-racional que descreve o processo de negociação entre os terroristas e os formuladores de políticas governamentais para incidentes onde reféns ou bens são apreendidos e as exigências são emitidos.

A teoria dos jogos captura as interações estratégicas entre os terroristas e um governo alvo, onde as ações são interdependentes, dessa forma não pode-se analisar um lado como passivo no jogo.

Em segundo lugar, as interações estratégicas entre atores racionais, que estão tentando agir de acordo com a forma como eles pensam que seus colegas vão agir e reagir, caracterizar a interface entre os terroristas.

Terceiro, em situações terroristas, cada lado faz ameaças e promessas para ganhar vantagens estratégicas.

Em quarto lugar, terroristas e os governos cumpram o pressuposto de racionalidade subjacente na teoria dos jogos, onde um jogador maximiza um assunto objetivo de restrições.

Quinto, em teoria dos jogos são aplicáveis negociações de reféns e campanhas terroristas induzem negociações sobre demandas.

E por fim, a incerteza e o aprendizado em um ambiente estratégico são relevantes em vários aspectos para o terrorismo, no qual o governo ou o terrorista ou ambos não têm acesso completo a informações.

Para Lapan & Sandler (1988), primeiramente o governo escolhe o nível da política de dissuasão que, por sua vez, determina o fracasso ou o sucesso logístico de terroristas quando eles se envolvem em uma missão de refém. Um nível mais alto de dissuasão eleva a probabilidade de fracasso logístico. Com base em suas probabilidades percebidas logísticas e sucesso da negociação, os terroristas decidem se quer ou não atacar. Se o resultado esperado for positivo, eles atacam.

O jogo pode acabar de 4 maneiras: o ataque não ocorre, um ataque que resulta em uma falha de logística, um ataque bem-sucedido que termina com os terroristas obtendo de suas demandas, e um ataque bem sucedido que resulta em nenhuma concessão.

A teoria dos jogos fornece uma maneira estruturada para examinar como dois adversários irão interagir em cenários de conflito diferentes. Segundo Ronaldo Fricker, existem três tipos de jogos que podem ser aplicados no estudo de terrorismo:

1. Jogos clássicos: podem geralmente ser ilustrados em forma de tabela na qual os jogadores, suas estratégias e suas "propinas" são completamente especificadas. Estes tipos de jogos são muitas vezes estudados para determinar se existem um par de estratégias que resultam em um equilíbrio entre os dois jogadores (um "ponto de sela") e como os jogadores vão se comportar dada a existência ou ausência de um ponto de sela.

2. Jogos repetitivos: ocorrem ao longo do tempo e os adversários repetidamente interagem em uma série de conflitos. Estes jogos são estudados para obter insights sobre como os jogadores se comportam e reagem ao comportamento do adversário e cujos resultados finais são estratégias de comportamento favorável ou desfavoráveis.

3. Jogos de mesa: que consistem na simulação de uma interação contraditória com dois ou mais reais (humanos) jogadores usando regras, dados e procedimentos concebidos para representar um conflito. "*Tabletop*" refere-se à maneira dos mais velhos jogos de guerra em que uma batalha foi jogado para fora por meio de marcadores em miniatura mapas na mesa. Estes jogos geralmente são menos estruturados, pois existe um número bem maior de estratégias disponíveis.

O estudo da teoria dos jogos aplicado ao terrorismo aplica métodos de avaliação de estratégias para as nações alocarem gastos para políticas de dissuasão e as implicações resultantes para ser atacadas, medidas de avaliação de como a aplicação de políticas militares e estratégicas encorajam ou desencorajam o país em financiar o terrorismo.

Em um exemplo dado por Sandler & Lapan (1988) e Sandler e Siqueira (2003), a teoria do jogo pode ser aplicada em um jogo com três jogadores, duas nações específicas e o agente terroristas e ambas possuem a mesma ameaça de ataque.

Cada nação independente escolhe sua despesa com políticas de dissuasão, que novamente determina probabilidade de fracasso logístico em cada nação. Os terroristas escolhem o local com o maior retorno

esperado para o ataque. A escolha de cada nação para a dissuasão determina em benefícios e custos para o outro alvo.

Ao transferir o ataque no exterior, cada nação impõe um custo externo sobre o seu homólogo, no entanto, limitando os ataques e sua gravidade em casa, cada nação fornece um benefício externo para residentes estrangeiros.

Além disso, um benefício externo surge sempre que os esforços de dissuasão das nações são suficientes para degradar os benefícios dos terroristas esperados, de modo que eles atacam ninguém.

Quanto mais fanático for o terroristas, menor a probabilidade de não existir ataque. Sandler e Lapan (1988) mostram que o equilíbrio de Nash pode resultar em muita ou pouca dissuasão quando comparado ao ótimo social dependendo do padrão externo, custos e benefícios, quando cada nação escolhe sua dissuasão isoladas .

Se, por exemplo, os ataques em um ou outro país não leva nenhum dano colateral em residentes ou nos interesses estrangeiros, então os países vão participar de uma corrida de dissuasão onde cada um tenta transferir o ataque em potencial no exterior, onde não tem moradores.

Esforço para compartilhar informações e inteligências sobre as preferências dos terroristas devem ser coordenadas, e não usadas para aumentar os esforços de transferir os ataques para o exterior. Estas variáveis juntamente com a dissuasão quando coordenadas aumentam o bem estar.

Em outra situação de onde há assimetria de informação, grupos terroristas com recursos limitados podem aparecer mais forte do que eles são através grandes ataques iniciais, destinados a induzir concessões de um governo mal informado.

Um governo deve usar ataques anteriores como sinais para atualizar suas crenças sobre a força que eles realmente possuem. O governo deve, então, decidir se concede a um grupo terrorista com base em antecedentes atualizados do governo e seus custos esperados de futuros ataques se mantém o seu terreno o terrorista sabe de sua verdadeira força, mas o governo alvo deve saber os recursos do terrorista baseado no nível de seu

ataque. Esses ataques tem a intenção de aplicar pressões suficientes, em termos de custos, para um governo, de modo que ele conceda às exigências terrorista.

Em um cenário determinístico, o resultado da luta entre os adversários seria conhecido mesmo antes da primeira peça do jogo, uma vez que, na ausência de laços, um jogo finito de perfeita informação tem um equilíbrio único subjogo perfeito.

Se, por exemplo, o governo está ciente que os terroristas possuem recursos suficientes para forçar o governo a se render, eventualmente, a melhor estratégia é que o governo conceda desde o início para não sofrer nenhum dano com o ataque.

Porém se um grupo terrorista sabe que não tem recursos suficientes para obter suas reivindicações políticas, então é ideal tanto para abandonar a campanha ou gastar todos os seus recursos no início do ataque.

1.6 Conclusão:

Neste capítulo introduzimos o leitor ao 'mundo' terrorista, para isso foi necessário explicar suas origens, definições e mostrar o desenvolvimento de seu conceito e teoria através de um cronograma histórico.

Procuramos também mostrar abordagens sob diferentes pontos de vista, para demonstrar que a literatura nessa área, além de diversificada sofre muitas críticas, não tendo uma teoria totalmente unificada.

Isto feito sentiu-se a necessidade de retratar uma abordagem mais específica do terrorismo, utilizando conceitos econômicos como teoria dos jogos e da escolha racional procurou situar o leitor quanto ao comportamento do terrorista e quais seriam seus pensamentos antes de escolher ou não praticar atividades terroristas.

Podemos agora utilizar os conceitos e idéias retratadas nesse capítulo para compreender quais os impactos que o terrorismo pode ter na economia de um país. Faremos esse levantamento no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 2 - ECONOMIA E TERRORISMO

2.1 – Introdução:

A questão central deste capítulo é mostrar como o terrorismo pode influenciar determinados setores estratégicos de uma economia.

Os setores estratégicos escolhidos foram: crescimento econômico, mercado de ações, educação, seguro e turismo. A escolha desses determinados setores tem por razão fazer um paralelo com as principais questões atuais.

A busca pelo crescimento econômico sempre foi um objetivo a ser conquistado por todos os países. Já a escolha do mercado de ações se deve a crise financeira desencadeada em 2008, enquanto a educação sempre foi

questão fundamental para o desenvolvimento de um país. Os setores de seguro e turismo se devem à relação de interdependência que eles têm entre si e na importância que está última vem tendo na economia dos países.

Após essa breve análise, mostraremos as medidas políticas que um país pode e deve fazer para evitar ataques terroristas, através de contraterrorismo.

2.2 Efeitos do Terrorismo na Economia:

O terrorismo, de alguma forma, sempre impactou a economia, direta ou indiretamente, sejam por medidas econômicas ou simplesmente políticas. Porém, após o ataque em onze de setembro, ficou claro que não havia antes plena atenção e consciência do que atos terroristas seriam capazes.

A compreensão da natureza do terrorismo e as magnitudes de seus efeitos é um pré-requisito para a concepção de políticas bem-sucedidas para evitar o terror, para aliviar os custos de terrorismo, ou para reduzir a vulnerabilidade de uma economia para os ataques.

Os custos econômicos diretos de terrorismo são mais pronunciados como resultado dos ataques. A distribuição intertemporal das consequências

indiretas depende da natureza dos ataques, os efeitos multiplicadores dos efeitos diretos, e do tipo de políticas adotadas em resposta aos ataques.

Iniciaremos aqui nossa análise de dados e procuraremos compreender quais são os efeitos reais para a economia de um determinado país.

2.2.1 Terrorismo e Bem Estar:

Como já abordado anteriormente, a teoria econômica identifica os terroristas como atores racionais que utilizam meios violentos para alcançar seus objetivos políticos através da análise de custos, benefícios, e custo oportunidade decorrente das atividades ilegais ou não.

Segundo a literatura, autores como Li (2005), Li e Schaub (2004), Braithwaite e Li (2007), Braithwaite e Li (2007) pesquisaram respectivamente fatores específicos como democracia, integração econômica e proximidade geográfica com regiões de conflitos terroristas. No entanto, ao mesmo tempo, reconhece-se que não há consenso acadêmico sobre a importância de alguns fatores específicos do país em afetar a produção de terrorismo.

Krieger e Meierrieks (2010) procuraram focar em gastos sociais como potencial específico de cada país como um determinante do terrorismo. Eles justificaram que as influências de gastos sociais interveem em variáveis econômicas de maneira que diminuem a atividade terrorista, pois elas são umas das muitas variáveis que influenciam o terrorismo.

Em suma, o gasto social é antecipado para uma melhora em curto prazo (por exemplo, as condições econômicas, o crescimento e o emprego), melhorar condições socioeconômicas estruturais (por exemplo, pobreza e desigualdade), reduzir a insegurança econômica e aumentar a satisfação social global. Uma melhoria nestas condições socioeconômicas torna o terrorismo menos atrativo uma vez que aumenta os custos de oportunidade de violência.

Regimes de proteção social podem atribuir funções diferentes para o Estado, o mercado, a família levando a diferentes graus de dependência do

mercado e formas de estruturação social. Dependendo do grau de dependência do mercado e a configuração de estruturação social, condições socioeconômicas, insegurança e satisfação social são influenciados de maneiras diferentes, por sua vez, pesam no cálculo dos terroristas e de seus partidários de diferentes maneiras.

A principal hipótese sugerida pelos autores é de que baixos níveis de dependência do mercado e forma igualitária de estruturação social (tipicamente associado aos regimes sociais democratas) em geral, devem diminuir o terrorismo, afetando os custos oportunidades.

Gastos sociais podem afetar positivamente em curto prazo as condições econômicas como crescimento, emprego, investimento. Os gastos com saúde ou programas ativos do mercado de trabalho podem ser considerados como um investimento em capital humano que por sua vez estimula o crescimento e empregabilidade. Gastos sociais em programas de família também podem remover os obstáculos para a participação econômica feminina, mais uma vez promover desempenho econômico.

Dessa forma, o efeito positivo dos gastos sociais em curto prazo as condições econômicas podem se alimentar através de uma redução no terrorismo. Para Harris (2002), gastos com saúde ou mercado de trabalho podem estimular a produtividade agregada e estimular a participação no mercado de trabalho, inovação e investimento.

O sucesso econômico reduz a probabilidade de atividade terrorista de um país, segundo Blomberg e Hess (2008). Blomberg, Hess e Weerapana (2004) mostram que o crescimento lento é um fator importante que leva a ataques terroristas transnacionais. Esta evidência sugere que o gasto social pode diminuir potencialmente a atividade terrorista através de seu efeito positivo de curto prazo nos fatores econômicos.

A redução de atividade terrorista pode acontecer também quando ocorrem melhoras nas condições socioeconômicas no longo prazo. Evidências indicam que o gasto social tem sido um determinante importante na redução da pobreza da mesma forma que os gastos com bem estar tem sido associado com uma redução da desigualdade de renda.

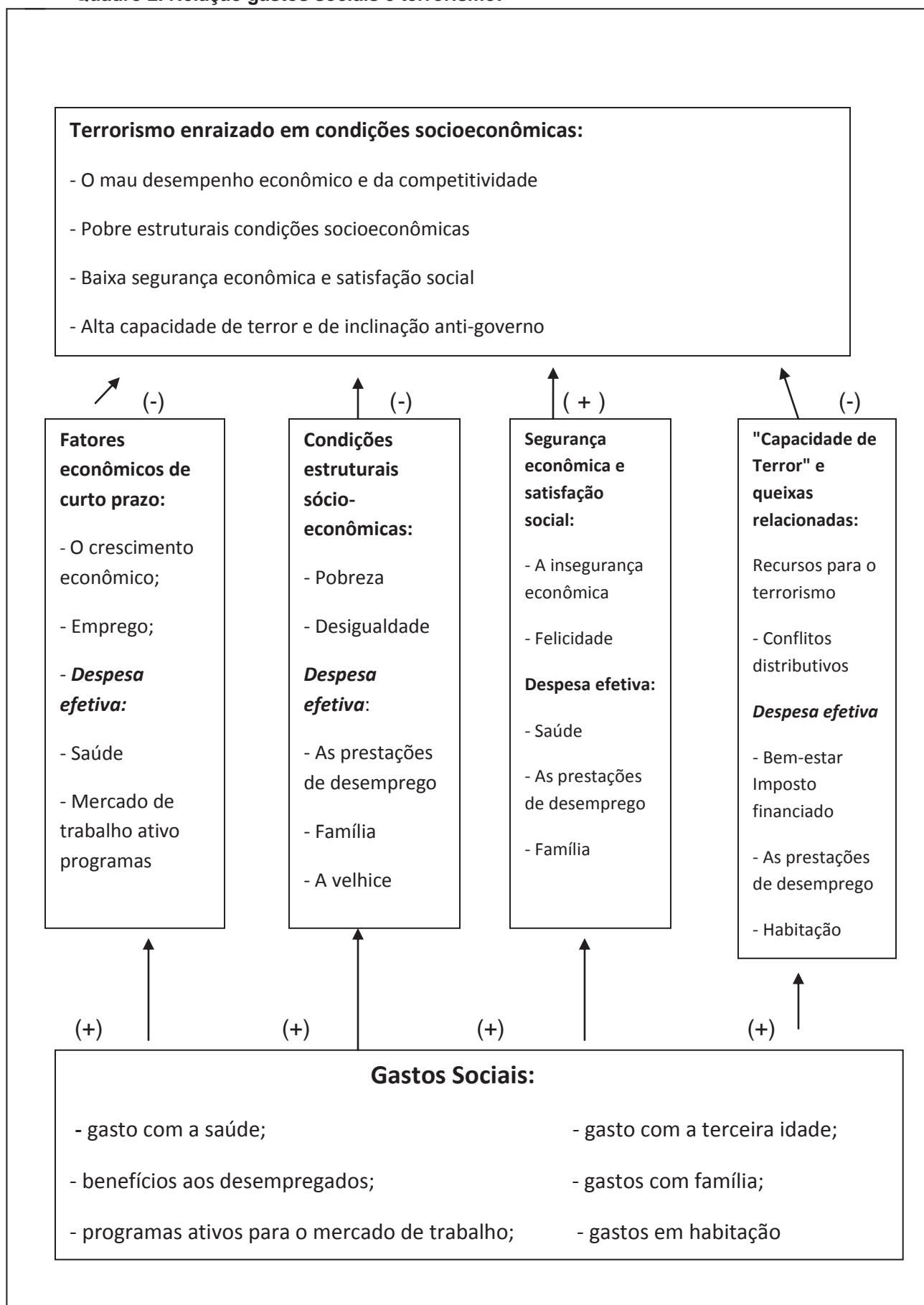
Outros estudos empíricos mostram que a alta desigualdade e a renda baixa são propícias para sociedades mais violentas, pois grupos terroristas podem se beneficiar dessas falhas estruturais como plataforma de apoio. Pelo fator positivo nas condições socioeconômicas e estruturais, o gasto social pode comprometer a esforços de recrutamento ou de apoio de organizações terroristas, assim, indiretamente, contribuindo a uma redução do terrorismo.

Uma recessão pode desencadear o terrorismo, fazendo o terrorismo mais atraente para aqueles atingidos pela crise econômica. Ao mesmo tempo, uma recessão também altera as percepções de risco, medo e satisfação dos indivíduos que são realmente afetadas pela crise.

Geralmente os gastos sociais, que protege contra riscos percebidos (por exemplo, os gastos com saúde ou de velhice) pode aumentar a satisfação de vida. Através seus efeitos positivos sobre as percepções individuais de insegurança e insatisfação, sociais gastos podem, eventualmente, reduzir o terrorismo que está enraizado nestas condições.

A seguir, segue um quadro resumo com a relação positiva ou negativa das ações de gastos sociais relacionadas com o terrorismo.

Quadro 2. Relação gastos sociais e terrorismo:



2.2.2 Educação, pobreza e terrorismo:

O senso comum sugere que indivíduos menos instruídos e carentes, que não tem “nada (ou menos) a perder” são mais suscetíveis em participar de atividades violentas. Abordaremos e discutiremos a literatura referente à ideia de dependência entre as variáveis pobreza, educação e terrorismo. Essa relação já foi destacada por líderes políticos como Luiz Inácio Lula da Silva, George W. Bush, entre outros políticos e acadêmicos.

Terrorismo é comumente associado ao crime de ódio, dessa forma, analisaremos um pouco sobre sua literatura a fim de compreender se existe de fato uma correlação entre pobreza, educação e violência.

Green (1998) evidenciou que linchamentos contra negros e o crescimento do PIB foram positivamente correlacionados no período de 1882- 1938. Crimes de ódio contra negros, judeus, asiáticos ou homossexuais cometidos entre 1987-1995 não estavam correlacionados com a taxa de desemprego. Outro dado interessante foi constatado Jefferson e Pryor (1999), no qual a probabilidade da existência de grupos de crime, como a Ku Klux Klan, numa área particular foi positivamente associada com a participação da população na área com pelo menos um diploma do ensino médio.

Para resumir, nem em crises cíclicas, nem a longo prazo as disparidades regionais do nível de vida parecem estar correlacionados com a incidência de uma grande variedade de crimes de ódio. Em vez de condições econômicas como causa de crimes de ódio, esta literatura aponta para um colapso na aplicação da lei e oficial sanção ou encorajamento da desobediência civil como causas potenciais para a ocorrência de ódio crimes.

Outra consideração a ser feita inclui o ganho de indivíduos qualificados ou não qualificados ao participar de um grupo terrorista. Terrorismo pode oferecer em alguns casos maiores benefícios para pessoas mais instruídas. Por exemplo, indivíduos bem educados podem participar de grupos terroristas se eles acharem que podem assumir posições de liderança se eles tiverem sucesso, ou se eles se identificam mais fortemente com os objetivos da organização terrorista que os indivíduos menos

educados, ou se eles vivem em uma sociedade onde a vantagem salarial relativa de bem-educados indivíduos é maior para a participação em organizações terroristas.

O alto nível de escolaridade seria, portanto, um sinal de compromisso com a causa e a determinação de sua participação na organização. O lado da demanda do fenômeno do terrorismo é muitas vezes negligenciado. Homens suicidas não são motivados pela perspectiva de seus próprios ganhos econômico individual, embora a promessa de pagamentos maiores para as suas famílias pode aumentar a vontade de alguns para participar de missão suicida.

Krueger e Maleckova (2003) investigaram a ligação entre pobreza e baixa educação e participação em atividades terroristas. Usando dados biográficos de 129 membros mortos do Hezbollah em ações paramilitares no final dos anos 1980 e início da década de 1990, eles descobriram que ambos: ter um padrão de vida acima da linha da pobreza e ter uma educação do ensino secundário ou superior está associado positivamente com a participação na Hezbollah. Seu papel claramente coloca em dúvida que o suposto benefício de investir na erradicação da pobreza ou em nível educacional como um meio de combate ao terrorismo diretamente.

2.2.3. Mercado de Ações e Seguros:

É impossível iniciar esta sessão sem comentar nos ataques terroristas de onze de setembro. Eles causaram enormes baixas e danos e iniciou uma era de incertezas. Mudou-se a forma de pensar sobre o terrorismo, conceituando-o como um risco geopolítico que afeta a economia global e os mercados financeiros.

Essas incertezas trazem, no mercado financeiro, mudanças no preço das ações. Elas podem refletir as crenças atualizadas do mercado uma vez que os ataques implicaram na mudança na política de investimento. A empresa é forçada em custos mais elevados de segurança e também para refletir fluxos de caixa futuros isentados devido a dirigir perdas patrimoniais.

Em outras palavras, o efeito preço das ações deve refletir o fato de que os custos incorridos pela empresa na continuação de suas atividades normais diferem daqueles antes do ataque.

Como alternativa, a reação do preço das ações também pode refletir uma maior probabilidade de um ataque futuro, uma vez que a já foi revelado para a empresa que ela possui a atenção de pelo menos um grupo terrorista. o impacto dos ataques terroristas difere de acordo com o país em que ocorreu o incidente.

Os ataques também trouxeram turbulência ao seguro de propriedade de baixas de mercado e o Congresso americano respondeu as chamadas subsequentes para intervenção federal com o *Terrorism Risk Insurance Act* (TRIA) em 2002. No contexto de políticas federais contra desastres, o projeto de lei foi sem precedentes. O governo americano tinha um compromisso explícito de mais de US\$ 250 bilhões em três anos, valor que superava compromissos federais e estaduais semelhantes contra desastres naturais.

Em termos gerais, os ataques terroristas podem danificar empresas, destruindo dois diferentes tipos de ativos: ativos tangíveis, como imóveis, instalações e equipamentos, e os ativos intangíveis, como recursos de capital humano. Segundo Martell (2010), ataques a empresas que operam em países que são mais ricos e mais democráticos estão associados com maiores reações negativas de preços de ações. O mais interessante, é que as perdas de capital humano, tais como sequestros de executivos de empresa, estão associados com maiores reações negativas de preços das ações do que as perdas físicas, como bombardeios de instalações ou edifícios.

Chen e Siems (2004) afirmaram que a magnitude do onze de setembro nos mercados financeiros globais foi significativa, porém não único, quando colocado em perspectiva histórica. A reação do mercado financeiro nos Estados Unidos foram menos grave do que as reações às anteriores choques negativos.

Dessa forma, os autores concluíram que os mercados financeiros tornaram-se mais resistente nos últimos anos e que autoridades regulamentadas reagiram com sabedoria para os choques, adicionando liquidez suficiente para o sistema global financeiro evitando uma crise bancária.

2.2.4 Comércio:

Embora o impacto do terrorismo sobre o comércio possa variar ao longo do tempo e do lugar, a violência e a guerra geralmente implicam custos adicionais para as operações de modo que seria de esperar uma associação negativa entre a atividade terrorista e do volume de comércio. Mais especificamente, há pelo menos três maneiras principais em que a guerra pode ser um obstáculo para o comércio internacional.

Primeiro, o terrorismo leva à insegurança e, assim, aumenta os custos de fazer negócios. Dependendo da dimensão dos ataques terroristas, as pessoas podem tornar-se cada vez mais confusa, nervosas ou sentir geralmente menos segura.

Dessa forma, o terrorismo pode mesmo conduzir a uma alteração em consumo do país e os padrões de produção afetando o padrão de comércio internacional. Nitsch e Schumacher (2002) exemplificam a mudança de preferência dos israelenses, ao invés de shoppings agora eles preferem andar em mercados abertos e andar nas suas a andar de ônibus.

O terrorismo induz a insegurança e também pode ter um efeito negativo direto sobre comércio. Uma vez que o impacto econômico de atentados terroristas e tiroteios são dificilmente previsíveis, planos de negócios existentes podem se tornar obsoletos rapidamente para que as empresas geralmente enfrentem riscos maiores. Essa insegurança pode reduzir a atratividade desse mercado para os produtores internacionais.

Em segundo lugar, a resposta típica de um aumento da atividade terrorista é um aumento de medidas de segurança. Regulamentações mais fortes, no entanto, implica que o comércio se torna mais caro, por exemplo, ao aumentar os tempos de entrega. Por exemplo, após os ataques terroristas de 11 de setembro 2001 as fronteiras americanas foram

temporariamente fechados; caminhões na fronteira entre o Canadá e os Estados Unidos tiveram de esperar até 20 horas para a travessia, que normalmente leva alguns minutos.¹

Terceiro, há o risco de uma destruição direta das mercadorias comercializadas. Embora a maior parte dos ataques terrorista não visarem causar dano econômico direto, há também uma tendência crescente para países debilitarem economicamente.

Então, muitas vezes, os alvos terrorista é o comércio de um país, porque países parecem ser particularmente vulneráveis ao rompimento das cadeias de fornecimento da indústria ou a destruição de modos de transporte particulares.

2.3 Contraterrorismo: medidas de segurança e combate:

Após a análise dos impactos que o terrorismo pode ter em uma economia, iremos mostrar nessa sessão as medidas de segurança que países podem implementar para impedir ou diminuir o sucesso das operações terroristas.

Como dito no capítulo anterior, terrorismo vem em duas variedades básicas: domésticas e transnacional. Terrorismo doméstico ou caseiro ocorre quando os autores, vítimas e espectadores são do país local. Em contraste, o terrorismo transnacional pode envolver autores, apoiadores, vítimas, ou audiência que afeta dois ou mais países.

Segundo Ender e Sandler (2006), o número de incidentes transnacionais é menor em relação ao doméstico, porém, os primeiros apresentam maiores consequências econômicas em média. Um país doador é motivado a apoiar os esforços de contraterrorismo estrangeiros se terroristas representam um risco para os interesses dos doadores em casa ou no exterior.

Como ferramenta de contraterrorismo, a ajuda externa deve necessariamente ser associada ao terrorismo transnacional. Medidas defensivas locais desviam os ataques para o exterior, pois os grupos

terroristas buscam alvos fracos. Consequentemente, as medidas estratégicas podem ser complementares quando dois países passam a empregá-las.

Os esforços são ditos pró-ativos quando os países tentam limitar os recursos dos terroristas, sua infraestrutura, seus apoiadores e financiadores e reduzem o risco de ataques a todos os países em risco.

Por outro lado, quando as pessoas de um país são atacadas no exterior, o país alvo deve confiar em grande parte no país local para proteção. Em outras ocasiões, um país alvo também é dependente de ações ofensivas de outro país se os terroristas usar outro país como “*host*” para uma base de treinamento e dispersar as forças de ataque, como exemplo citamos os aviões roubados nos ataques de 11 de setembro, eles foram treinados no Afeganistão.

Alguns outros exemplos são mencionados por Bandyopadhyay, Sandler^y e Younas (2010) como o comando da Al-Qaeda possuir centros de treinamento em áreas tribais do Afeganistão e Paquistão. Jemaah Islamiyah opera fora da Indonésia, mas é uma ameaça em toda a região em sua busca de um estado pan-islâmico. Os autores também relatam que o transbordamento do terrorismo no Oriente Médio na década de 1970 e 1980 para a Europa se encaixa no padrão estrangeiros de grupos terroristas baseados em lançamento de operações no exterior.

Falaremos na sessão a seguir mais detalhadamente sobre a ajuda externa para combater o terrorismo.

3.1 Ajuda externa como ferramenta contraterrorista:

Aqui iremos investigar o papel que a ajuda externa, pode ter como auxílio às políticas contraterroristas de um país alvo (chamado país de origem).

A ajuda dada pelos Estados Unidos ao Paquistão e mais recentemente ao Afeganistão são exemplos de políticas contraterroristas. Essa ajuda é um dos quatro pilares da política americana no qual acredita

que sua ajuda reforça a capacidade antiterrorista dos países que trabalham junto a eles.

A estabilidade do país receptor fica dependendo, em partes, da ajuda externa. Com um aumento de dependência, o regime pode tornar-se mais frágil. Isto está de acordo com situações no Paquistão e Iraque, no qual a ajuda americana não agradou a população local. Dessa forma o colapso de um regime amigável e bem visto por outros países, pode levar a uma ameaça terrorista ainda maior.

Iremos abordar agora um jogo de três fases proposto Bandyopadhyay*, Sandlery e Younas (2010) que envolvem três agentes: o país de origem que oferece ajuda (H), o país receptor do auxílio externo (F), e os terroristas.

A primeira fase consiste quando país 'doador' aloca recursos para assistência geral e auxílio contra terroristas e opta por medidas defensivas em seu território. A escolha do doador entre ajuda geral ou auxílio 'amarrado' deve levar em consideração a estabilidade do país receptor, bem como suas medidas proativas.

Já citamos e exemplificamos que assistência em geral limita a estabilidade do país as custas das medidas proativas estrangeiras. Em contraste, o auxílio 'amarrado' aumenta as medidas proativas estrangeiras, porém à custa da estabilidade local.

A fase seguinte se caracteriza pela decisão de políticas proativas do país destinatário contra os terroristas. A partir de então os terroristas que determinam a próxima fase, no qual vão distribuir seus ataques entre os dois países H e F com base nas políticas defensivas e medidas proativas de cada país.

As medidas proativas de F tem sustentabilidade estratégica junto com os esforços defensivos de H, de modo que o aumento da defesa no país local resulta em uma diminuição das medidas proativas no exterior. Isso se deve, em partes, pois os esforços defensivos de H estão atrelados ao reforço dado ao país F para combater um inimigo terrorista em comum.

Os grupos terroristas decidem seus ataques entre os dois países baseado nas preferências do alvo e alocação das políticas contraterroristas. As políticas contra terroristas de F reduzem a probabilidade de ataques em H. Enquanto as medidas defensivas de H aumentam a probabilidade de ataque em F.

Uma maior preferência em atacar o país F resultará, de fato, em maiores incidentes naquele país enquanto uma maior preferência em atacar H não irá necessariamente aumentar os ataques por lá.

Resumindo, a ajuda externa em políticas contraterroristas cria novos instrumentos. Do ponto de vista do país doador, ele implanta medidas de segurança interna para proteger-se de possíveis alvos em casa. Ele também pratica medidas antiterroristas perto de suas fronteiras e portos, para assegurar que novos inimigos não entrem.

Como os grupos terroristas são baseados no exterior, o país anfitrião está motivado para implantar medidas defensivas pró-ativas para eliminar a ameaça de seu solo. O país doador pode ainda subsidiar esforços estrangeiros com uma ajuda contraterrorista condicional.

Ao contrário das análises nos quais os países adotam medidas defensivas ou proativas, ajuda externa em políticas contraterroristas buscam implementar uma mistura de medidas defensivas e proativas, que transforma, dessa forma, em uma estratégia rica que contém instrumentos de política substitutos e complementares.

Essa estratégia pode ser explicada através de um modelo estatístico a ser apresentado.

3.2 O Modelo :

O modelo a ser abordado utiliza a renda nacional como medida de bem estar. A vantagem dessa abordagem é que simplifica a análise política sem ter que fazer suposições restritivas sobre preferências.

Considere economia H na qual o bem QH é produzido com o seguinte retorno constante de uma escala tecnológica:

$$Q^H = Q^H(L^H, K^H) \quad (1)$$

Onde L^H , K^H são trabalho e capital, respectivamente.

Se o trabalho e o capital são fixados em L^H e K^H respectivamente, e se as firmas individuais equipararem seus retornos de fator ao produto marginal, então a produção nacional é fixada em :

$$Q_n^H = Q^H(L^H, K^H) \quad (2)$$

A organização terrorista está interessada em atingir alvos em dois países: H e F. Os terroristas treinam e operam em F, mas pode atingir alvos em qualquer país.

Um ataque bem sucedido em H cria danos T^H apenas para essa nação. Contudo, com o auxílio recebido do país F, é razoável supor que este país não tem ativos que podem ser alvo de H.

Se, por outro lado, um ataque bem sucedido ocorre em F, o dano será T^H para ativos de H em F e T^F para os interesses de F. O esforço contraterrorista em H é E^H enquanto do país F, com políticas proativas é E^F .

A^H denota o esforço da organização terrorista ou nível de ataque contra H, enquanto A^F indica o seu nível de ataque contra F. A probabilidade de um ataque terrorista bem sucedido em H é:

$$\begin{aligned} \bar{\delta}^H = \bar{\delta}^H(e^H, a^H), \bar{\delta}_1^H(e^H, a^H) < 0, \bar{\delta}_2^H(e^H, a^H) > 0 \quad e \\ \bar{\delta}_{21}^H(e^H, a^H) < 0. \end{aligned} \quad (2a)$$

nos quais a derivada parcial de primeira e segunda ordem são denotados por subscritos assim :

$\bar{\delta}_1^H = \partial \delta^H / \partial E^H \cdot \ln(2a)$, $\bar{\delta}_1^H$: o país H aumenta seus esforços de defesa contraterroristas, reduzindo a probabilidade de ataques bem sucedidos, devido aos seus esforços de ataque A^H .

Por outro lado $\bar{\delta}_2^H$ é positivo pois o aumento dos esforços terroristas aumenta a probabilidade de sucesso dado E^H .

Além disso, $\bar{\delta}_{21}$ é negativo porque o aumento marginal na probabilidade de sucesso (i.e. $\bar{\delta}_2^H$) é menor quando o nível de defesa é menor. Finalmente, assumimos que H país enfrenta retornos decrescentes para defesa assim $\bar{\delta}_{11}^H > 0$, e o grupo terrorista enfrenta retornos decrescentes em seu esforço pois $\bar{\delta}_{22}^H < 0$.

A probabilidade de sucesso de um grupo terrorista δ^H pode aumentar se houver uma mudança de regime em no país anfitrião F, mais simpáticos com seus pontos de vista mais radicais. Dessa forma:

$$\bar{\delta}^H = (1 + \eta) \delta^H(E^H, A^H), \eta > 0. \quad (2b)$$

onde η aumenta a probabilidade de sucesso dos ataques em H se houver um mudança de regime em F. Sem mudança de regime, a probabilidade de sucesso do ataque em H é representado por (2a) onde $\eta = 0$.

Percebemos então que o parâmetro η capta o custo relacionado com o terrorismo com uma mudança de regime no qual aumente potencialmente a ameaça em H.

A política proativa do país estrangeiro F, E^H , visa reduzir os recursos disponível para os terroristas para realizar ataques. Com menos recursos, o a organização deve reduzir os ataques em, pelo menos, um dos dois países, talvez de ambos.

Ao contrário de medidas defensivas, o esforço pró ativo é eficaz antes de um ataque planejado para que o resultado de ataques em andamento não afetados por tais ações.

Assim, para um dado nível de ataque A^F , a probabilidade de sucesso em F não são afetadas por E^F . Assim, a diferença entre uma política defensiva e proativa leva a uma assimetria de probabilidade de sucesso.

A probabilidade de sucesso dos ataques terrorista em F é:

$$\delta^F = \delta^F(A^F) \delta^{F'} > 0 \text{ e } \delta^{F''} < 0; \quad (3a)$$

Em 3, δ^F é positivo há um esforço maior dos terroristas atingirem F, pois a base do grupo está ali localizada. $\delta^{F''}$ é negativo pois os retornos são decrescentes e a probabilidade aumentará se houver mudança de regime no país F.

$$\delta^F = (1+\eta) \delta^F(A^F), \eta > 0 \quad (3b)$$

Analogamente a (2b), aqui também analisaremos o a ajuda externa em relação ao país local. O auxílio que o país F dá ao país H consiste em assistência generalizada (A^F), a ajuda “amarrada” ∂E^F para reforçar medidas proativas de F contra os terroristas residentes, no qual a ajuda total será:

$$\hat{A} = A + \partial E^F \quad (4)$$

No qual ∂ é um subsídio. Nesse caso a política de auxílio apresenta dois papéis fundamentais: primeiramente, ao melhorar a economia, a assistência geral pode limitar o terrorismo, melhorando as oportunidades para a população. Ao constatar isto entra-se em acordo com Blomberg et.al (2004), que afirmou que um aumento nos ataques terroristas se devem a uma crise econômica.

Em segundo lugar, a ajuda promove esforços de contraterrorismo estrangeiro contra um grupo que ataca os interesses de H seja local ou externo. O país H cobra uma taxa de imposto T^H para manter suas políticas contraterroristas em casa e no exterior, dessa forma temos:

$$T^H = E^H + \hat{A} \quad (5)$$

E a probabilidade do regime mudar no país F será de:

$$P^F = P^F(\partial, A) \text{ sendo } P_1^F > 0 \text{ e } P_2^F < 0. \quad (6)$$

Quanto maior for a ajuda “amarrada”, o regime será visto como uma extensão dos interesses políticos do país estrangeiro pondo em risco a situação do regime político para P_1^F .

Por outro lado, maior auxílio geral diminui a possibilidade de um colapso do regime, aumentando o número de adeptos de tal regime bem controla as críticas políticas, por isso $P_2^F < 0$.

A ajuda externa não necessariamente mancha o regime político local por servir aos interesses geopolíticos externos. Assume-se que $P_1^F > 0$ no qual os custos de um regime instável são convexos e que $P_2^F < 0$ para que a ajuda generalizada freie a instabilidade do regime a uma taxa decrescente.

A renda nacional esperada no país de origem, Y^H , seria:

$$Y^H = Q^{*H} - T^H - (1 - P^F) [\delta^H T^H + \delta^F T^{*H}] - p [\delta^{*H} T^H + \delta^{*F} T^{*H}] \quad (7)$$

Que iguala a produção e taxa de imposto e as perdas esperadas de H em território local e estrangeiro, com e sem a mudança de regime. Usando (2b), (3b), (4), (5) e (6), podemos reescrever (7):

$$Y^H = Q^{*H} - \gamma (\alpha, A, \eta) [\delta^H T^H + \delta^F T^{*H}] - e^F - A - \alpha e^F, \quad (8)$$

No qual $\gamma (\bullet) = 1 + p^F (\alpha, A) \eta$. Dessa forma, podemos expressar a renda estrangeira esperada, Y^F , como:

$$Y^F = Q^{*F} - \gamma (\alpha, A, \eta) \delta^F T^F - e^F + A + \alpha e^F \quad (9)$$

Em contraste com Y^H , a renda do país F reflete o fluxo de ajuda e ausência de ataques contra seus interesses em H, ou seja $T^{*F} = 0$.

Baseando em (8) o dano esperado pelo grupo terrorista em H é: $\gamma (\delta^H T^H + \delta^F T^{*H})$. Da mesma forma em (9) indica que os danos esperados em F é $\gamma \delta^F T^F$.

O grupo terrorista deriva a utilidade desses danos esperados. Seja ϕ^H e ϕ^F , os pesos das utilidades anexadas pelos terroristas para os danos causados aos ativos das duas nações.

$$U = \gamma (\alpha, A, \eta) \{ \phi^H [\delta^H (e^H, A^H) T^H + \delta^F (A^F) T^{*H}] + \phi^F \delta^F (\alpha^F) T^F \}. \quad (10)$$

Ou seja, o ganho de satisfação terrorista das perdas esperadas sustentadas por pelos países visadas. A natureza desta função utilidade é aplicável para os terroristas fundamentalistas, que buscam vingança e não apresentam demandas politicamente viáveis.

Esses grupos maximizam as mortes sem emissão de demanda e muitas vezes não alegando crédito pelo ataque. Denotamos o total de recursos disponíveis para a organização por M^* . As respostas proativas de F , e^F diminuem esse recursos, mas a uma taxa reduzida, de modo que:

$$M^* = M^* (e^F), M^{*'} < 0 \text{ e } M^{*''} > 0. \quad (11)$$

Normalizando os preços de A^H e A^F para a unidade, expressa-se a restrição para os recursos das organizações terroristas como :

$$A^H + A^F = M^* (e^F) \quad (12)$$

2.4 Conclusão:

Neste capítulo procuramos demonstrar quais os efeitos que as atividades podem ter na economia e como efeitos e medidas econômicas podem ter na prevenção ou não de atividades terroristas.

Foram escolhidos setores e abordagens diversas: social, econômica, financeira, comercial. Essa abordagem diversificada foi necessária para demonstrar que a questão é bem ampla e sua resolução de preocupação e interesse de diversos estratos social.

Demonstramos também a importância da ajuda mútua externa como melhor resolução para combate do terrorismo internacional, bem como apresentamos um modelo estatístico de cálculo de bem estar.

Isto posto, nos resta elevar o trabalho a um nível mais atual e empírico, trazendo dados de diferentes países dos setores que aqui foram abordados, bem como aplicação do modelo proposto.

temporariamente fechados; caminhões na fronteira entre o Canadá e os Estados Unidos tiveram de esperar até 20 horas para a travessia, que normalmente leva alguns minutos.¹

Terceiro, há o risco de uma destruição direta das mercadorias comercializadas. Embora a maior parte dos ataques terrorista não visarem causar dano econômico direto, há também uma tendência crescente para países debilitarem economicamente.

Então, muitas vezes, os alvos terrorista é o comércio de um país, porque países parecem ser particularmente vulneráveis ao rompimento das cadeias de fornecimento da indústria ou a destruição de modos de transporte particulares.

2.3. Contraterrorismo: medidas de segurança e combate:

Após a análise dos impactos que o terrorismo pode ter em uma economia, iremos mostrar nessa sessão as medidas de segurança que países podem implementar para impedir ou diminuir o sucesso das operações terroristas.

Como dito no capítulo anterior, terrorismo vem em duas variedades básicas: domésticas e transnacional. Terrorismo doméstico ou caseiro ocorre quando os autores, vítimas e espectadores são do país local. Em contraste, o terrorismo transnacional pode envolver autores, apoiadores, vítimas, ou audiência que afeta dois ou mais países.

Segundo Ender e Sandler (2006), o número de incidentes transnacionais é menor em relação ao doméstico, porém, os primeiros apresentam maiores consequências econômicas em média. Um país doador é motivado a apoiar os esforços de contraterrorismo estrangeiros se terroristas representam um risco para os interesses dos doadores em casa ou no exterior.

Como ferramenta de contraterrorismo, a ajuda externa deve necessariamente ser associada ao terrorismo transnacional. Medidas defensivas locais desviam os ataques para o exterior, pois os grupos

3.2. Resultado por países:

Nessa sessão será analisado o efeito direto do terrorismo em países específicos como Estados Unidos, Espanha e Israel.

O objetivo é demonstrar os diferentes efeitos em países que praticam o terrorismo e os que são alvo deste.

3.2.1 Estados Unidos :

Iniciaremos esse estudo com os Estados Unidos afinal foi ele quem recebeu o maior ataque terrorista da historia mundial bem como faz grandes esforços globais para combater tais atos.

Como os Estados Unidos são o alvo principal dos terroristas, não relacionaremos os dados de gasto social, educação pobreza e terrorismo com a maior ou menos incidência de grupos terroristas e ataques, pois como dito anteriormente, este país recebe mais esses tipos de ataques do que promove.

3.2.1.2 de Setembro:

Esse atentado ocorreu em um momento em que os Estados Unidos depois de superado a Guerra Fria e com crescimento acumulado ao longo de uma década de *boom* econômico, atingiu seu máximo poderio político e econômico.

Hardt e Negri (2001) descrevem a natureza e o alcance de seu poder como imperialista. O Império não dispõe de um contorno territorial definido, na medida em que constitui, ele mesmo, um processo de “desterritorialização”, que incorpora gradualmente o mundo inteiro dentro de suas fronteiras abertas. O poder exercido pelo Império não tem limites e representa um regime que abrange a totalidade do espaço.

O poderio político, que nada mais é do que o exercício dessa superioridade no campo da relação entre os Estados, decorre direta e

naturalmente dessa situação, que os EUA procurarão manter por todos os meios.

Os americanos também se destacam pela superioridade tecnológica e militar, pois é o único ator global capaz de projetar poder militar simultaneamente em diferentes terrenos estratégicos em pontos distantes de seu próprio território.

Dessa forma, as razões e natureza dos ataques vão buscar suas origens no outro lado do fenômeno analisado por Hardt e Negri (2001): o território dos excluídos do Império – os “bárbaros”.

As motivações dos ataques seriam a própria essência do fenômeno terrorista e suas consequências: a exclusão de boa parte do mundo da prosperidade do Império (e a instabilidade política, a privação econômica e social dela decorrentes); a resistência a integrar-se à globalização (o choque “civilizacional”, as bases do fundamentalismo islâmico que rejeitam aspectos importantes dessa globalização); a arrogância imperial (o exercício político do poder americano, a política externa dos EUA para o Oriente Médio, a aliança com Israel, a “ocupação” da Arábia Saudita).

Diferente de outros conflitos, ao atacar o World Trade Center e o Pentágono, centros simbólicos de seu poderio, esses ataques foram visto como uma afronta a essência do “ser” americano. Portanto, trouxe à tona a percepção de uma luta entre o bem e o mal.

O posicionamento diplomático americano quanto a política externa era bem claro: quem não os apoiassem, seriam entendidos como inimigos. A rede de apoio e solidariedade que rapidamente se construiu em torno dos EUA não foi, nesse sentido, propriamente reivindicada por aquele país, mas sim esperada como fato natural, uma vez que os países que não se encontravam sob o império do bem só poderiam estar do lado do mal.

A resposta americana aos ataques também teve aspectos ideológicos, como uma reação de autodefesa interna e externa, legitimada

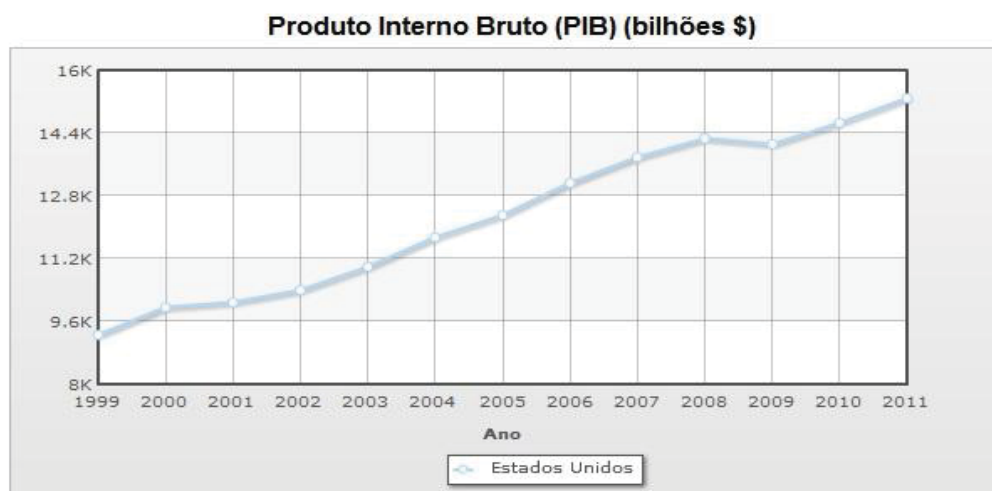
pela percepção de que os atentados constituíram um ataque ao bem pelo mal (uma simplificação quase “fundamentalista”), tendo as causas mais profundas do fenômeno do terrorismo sido pouco ou nada discutidas (política externa dos EUA para o Oriente Médio, pobreza e falta de democracia em países islâmicos etc).

A reação americana aos ataques afetou não somente a economia e sua política interna e externa, como questões de segurança e medidas contraterroristas passaram a pautar a nova relação do país com os demais atores do sistema internacional.

Economia:

É preciso ter consciência que de quando os ataques ocorreram o país já passava por uma desaceleração na economia com a queda na taxa de crescimento que passou de 5% para 0,5%.

Gráfico 4. PIB americano (1999-2011)



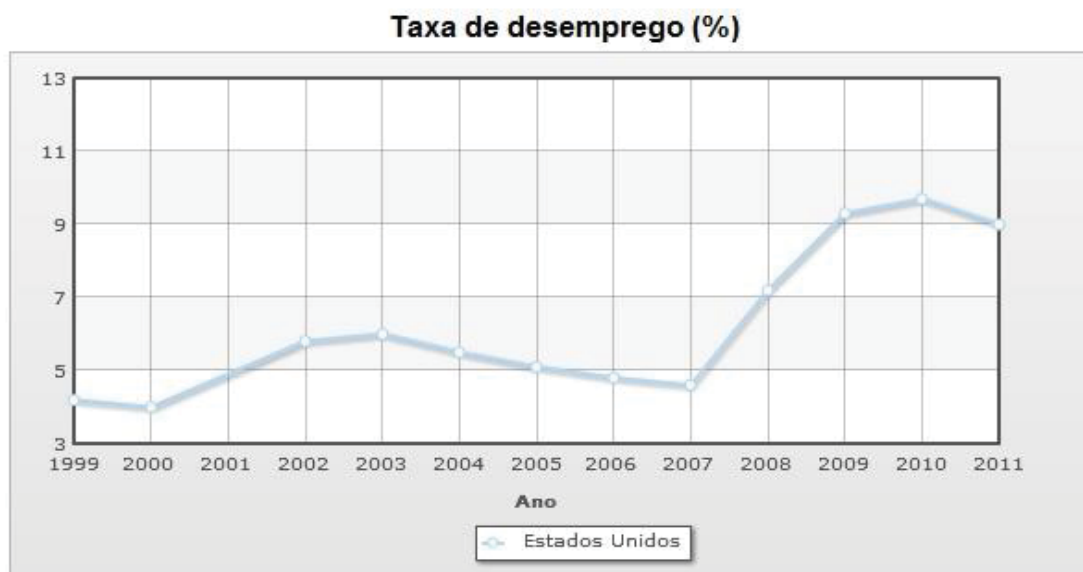
Fonte: *índex mundo*

Com a queda na taxa de crescimento do PIB americano, outros indicadores econômicos também retrocederam.

Houve um aumento na taxa de desemprego do país no período de 2001-2003 devido à baixa produção industrial.

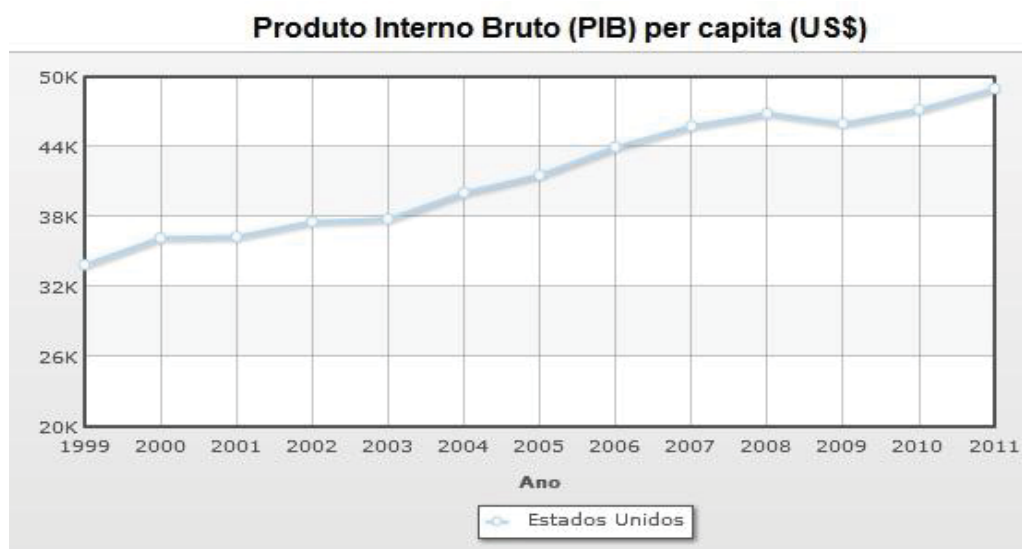
Com o baixo desempenho do mercado de trabalho, o nível salarial acompanhou a queda do nível de ocupação: a taxa nominal de crescimento per capita dos salários caiu de 6,5 % em 2000 para 2,4% em 2003 como demonstram os gráficos a seguir.

Gráfico 5: Taxa de desemprego nos EUA (199-2011)



Fonte: Index Mundo

Gráfico 6: PIB- per capita EUA



Fonte: Index Mundo

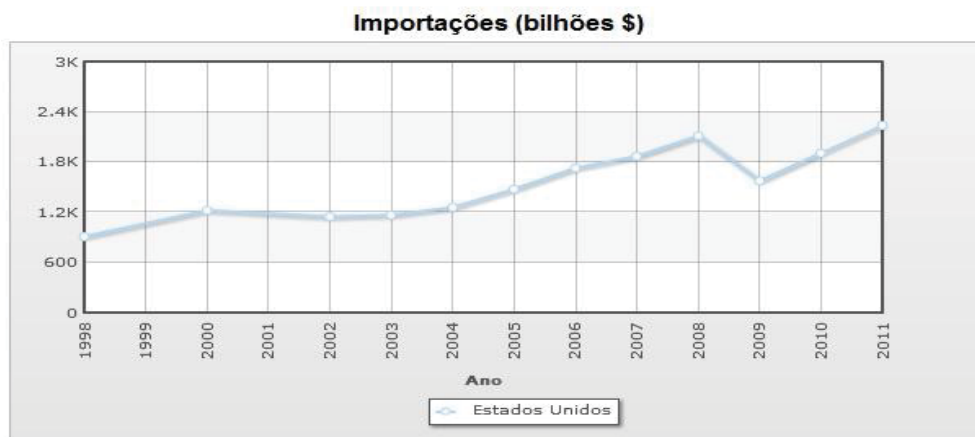
O nível de desemprego, apesar das políticas adotadas pelo governo a partir de 2001/2002, demorou a responder positivamente, e as taxas observadas foram as mais altas se comparadas a outros períodos recessivos.

Houve um reaquecimento do mercado e os empresários retomaram a confiança no desempenho da economia e voltaram a investir, ampliando assim as vagas, e o nível de desemprego apresenta trajetória declinante a partir de 2004.

As políticas adotadas pelo governo americano tiveram consequências diretas em sua balança comercial. A intervenção militar no Afeganistão e Iraque gerou uma instabilidade no Oriente Médio contribuindo para o aumento exponencial no preço do petróleo.

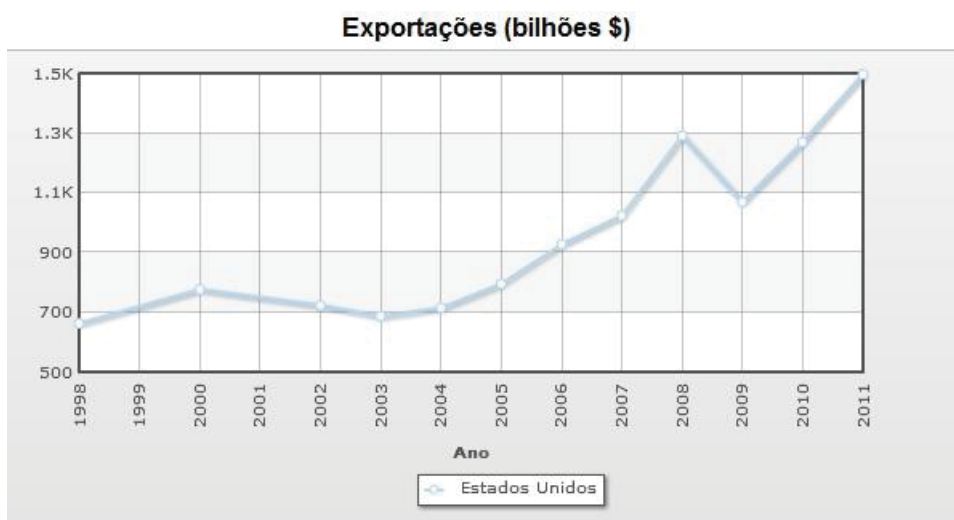
Assim, tem-se um aumento dos custos com importação, pressionando para uma piora no saldo da Balança Comercial (BC), que evolui de um déficit de US\$ 386 bilhões em 2001 para um déficit de US\$ 548 bilhões. Uma retração na economia europeia também contribui para pressionar esse déficit, ao reduzir a demanda por produtos americanos.

Porém, apesar do alto déficit na balança comercial americana, isso não representa um risco para o não pagamento da dívida, pois a moeda utilizada nas transações mundiais é o dólar. Para repor um déficit, os EUA podem financiá-lo através da emissão de títulos da dívida pública, obtendo assim moeda que se encontrava em poder de investidores internacionais.

Gráfico 7: Importações EUA

1998	2000	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
912	1.223	1.148	1.165	1.260	1.476	1.727	1.869	2.112	1.575	1.903	2.236

Fonte: Index Mundo

Gráfico 8: Exportações EUA:

1998	2000	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
663	776	723	687	714,5	795	927,5	1.024	1.291	1.069	1.270	1.497

Fonte: Index Mundo

Os Estados Unidos, ao optar pela intervenção no Afeganistão e Iraque, tiveram que aumentar seus gastos militar sendo um cofator para conta pública deficitária. O governo saiu de uma situação superavitária de US\$ 127 bilhões para um pico do déficit de US\$ 486 bilhões em 2005.

Entretanto, a política de expansão fiscal desempenhada pelo governo como forma de impulsionar a economia foi um grande responsável pelo aumento do gasto público. Isso porque houve uma redução de impostos, na expectativa de ampliar a demanda doméstica.

A política foi exitosa na medida em que a demanda doméstica teve um crescimento sustentado, tendo crescido 0,7% (antes da implantação da política) em 2001 e 4,5% em 2004. Esse aumento da demanda doméstica representa um aumento do consumo privado, mas o aumento do gasto governamental colaborou em grande medida, principalmente a parcela referente à política de segurança.

Tabela 1. Principais Indicadores Econômico dos EUA

	2001	2002	2003	2004	2005 (previsão)
PIB (%)	0,5	2,2	3,1	4,5	3,9
Demanda Doméstica (%)	0,7	2,8	3,3	4,5	3,7
Desemprego (%)	4,8	5,8	6,0	5,5	5,4
Inflação (%)	2,8	1,6	2,3	2,7	2,6
Contas públicas (US\$ bi)	127	-158	-375	-486	-432
Balança Comercial (US\$ bi)	-386	-474	-531	-556	-548

Valores em porcentagem representam a variação de um período para o próximo.

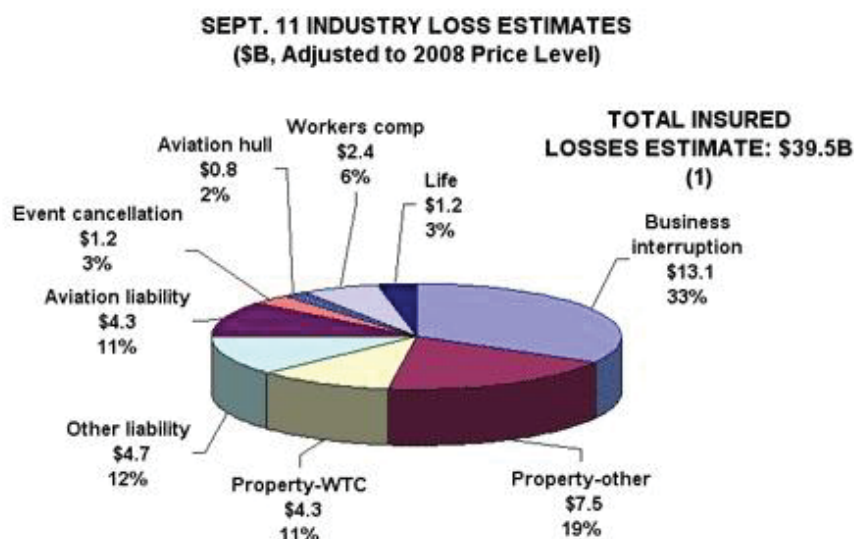
Valores negativos indicam um déficit.

Fonte: FMI (Relatório para os Estados Unidos da América de 2004)

Em relação ao mercado de seguros além do risco de desastres naturais, a indústria enfrenta a ameaça de ataques terroristas. Segundo o Insurance Information Institute (III) os ataques de 11 de setembro foram o pior da história tendo um total de 2.976 mortos.

Ainda segundo a instituição, o ataque foi o pior em termos de perdas de propriedades seguradas que totalizaram cerca de US \$ 39,5 bilhões. Cerca de dois terços dessas perdas foram pagos por resseguradoras, empresas que fornecem seguros para as seguradoras.

Gráfico 9: Perdas na indústria de seguros



Fonte: Insurance Information Institute

Antes de 11 de setembro de 2001, as seguradoras forneciam cobertura terrorista para os seus clientes de seguros comerciais essencialmente gratuitamente porque a chance de danos materiais causados por atos terroristas era considerada remota.

Do ponto de vista do seguro, o risco de terrorismo é muito diferente do tipo de riscos geralmente segurados. Para ser prontamente segurável, riscos tem que ter certas características. O risco deve ser mensurável. Seguradoras devem ser capazes de determinar o número possível ou provável de eventos (frequência) possam dar origem a reivindicações e a dimensão máxima ou custo (gravidade) destes eventos.

Na medida em que os atos de terrorismo são intencionais, o risco de o terrorismo não tem essas características. Perdas de terrorismo também são susceptíveis de ser geograficamente concentrados, pois o terrorismo é

geralmente direcionado para produzir um impacto econômico significativo ou psicológico.

Isto leva a uma situação conhecida no setor de seguros como seleção adversa, onde apenas as pessoas mais com cobertura de risco de compra, as mesmas pessoas que são susceptíveis de apresentar reivindicações. Além disso, as perdas de terrorismo nunca são aleatórias. Eles são cuidadosamente planejados e muitas vezes coordenados.

O governo americano preocupado com a pouca disponibilidade de cobertura para ataques terroristas em áreas de grande risco e seu efeito na economia Lei de Seguro de Risco Terrorismo (TRIA). A lei prevê um programa temporário que, em caso de ataque terrorista importante, permite que a indústria de seguros e governo federal para dividir perdas de acordo com uma fórmula específica.

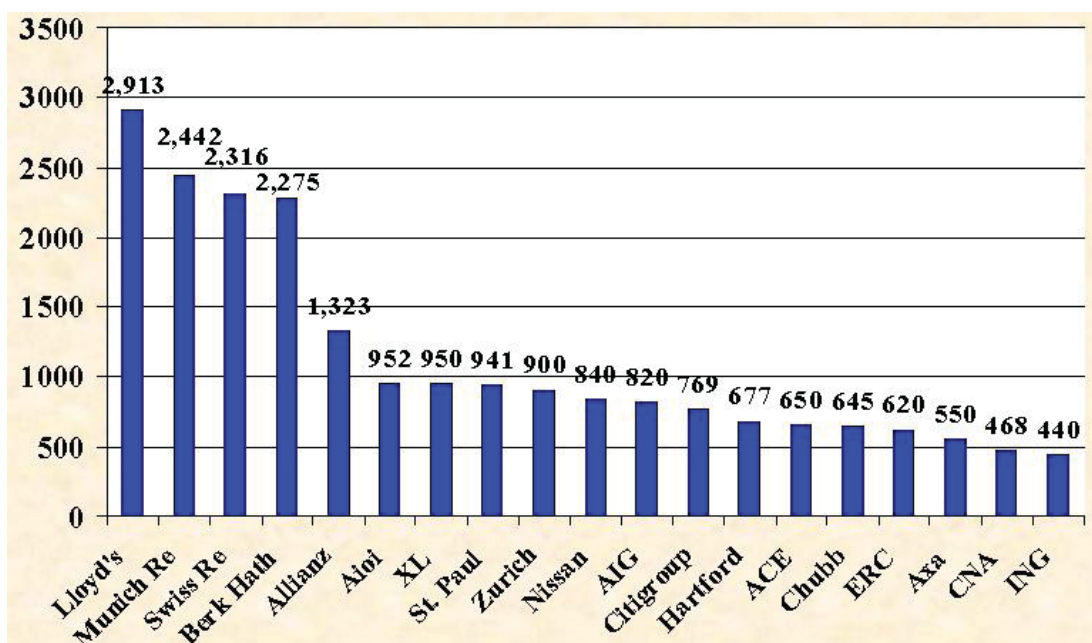
A lei prevê um plano de resseguro federal, no qual é acionado quando as perdas das seguradoras por ataques terroristas excede um determinado montante pré-determinado. Portanto, seria um programa de compartilhamento de perdas entre a indústria de seguros e o governo federal.

Segundo o Insurance Information Institute (III) , após 2001, para minimizar a probabilidade de uma onda de reclamações de responsabilidade, o Congresso estabeleceu a Lei de Compensação de Vítimas Federal, que forneceu quase US \$ 7 bilhões em pagamentos às famílias de vítimas de 11 de setembro.

Há um consenso geral de que a TRIA tem ajudado as empresas de seguros oferecem cobertura contra terrorismo porque o envolvimento do governo federal oferece uma medida de certeza quanto ao tamanho máximo de perdas de seguradoras teriam que pagar e que lhes permite planejar para o futuro. Sem TRIA, não haveria mercado privado de seguro contra terrorismo.

O último relatório do TRIA "Condições de Mercado para Terrorism Risk Insurance 2010", ele diz que a disponibilidade e acessibilidade de seguro contra terrorismo risco fornecido pelo setor privado melhorou desde 2006. A razão para as melhorias ao longo dos últimos quatro anos, o grupo de trabalho sugere, é o aumento da concorrência e uma melhor gestão de risco agregado, que podem se concentrar em certos locais urbanos.

Gráfico 10: TOP 17 – estimativa de perda das seguradoras



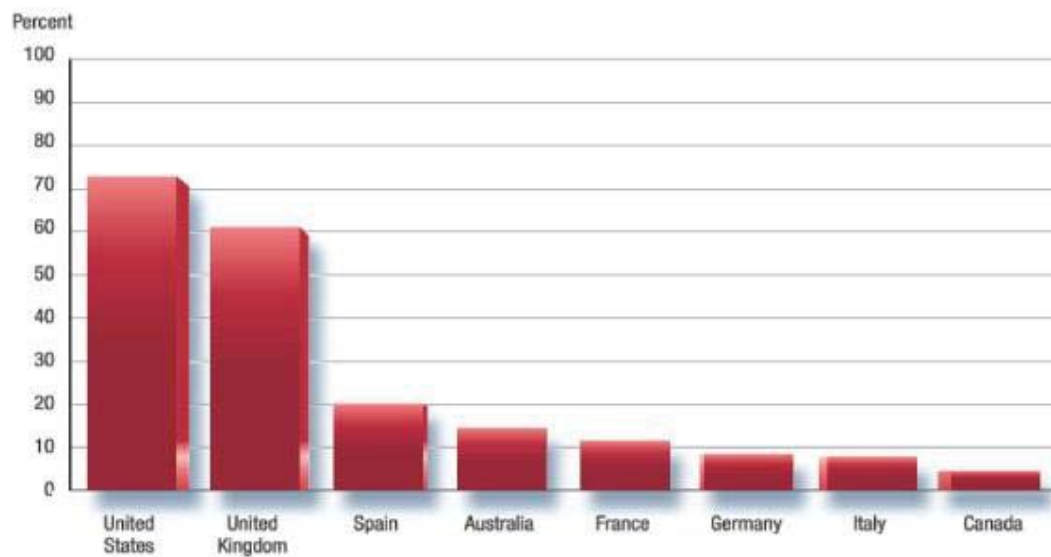
Fonte: Morgan Stanley, Benfield Research, Insurance Information Institute as of July 19, 2002.

Em relação a Investimento Direto Estrangeiro (IDE), os montantes recebidos pelos Estados Unidos antes e depois dos atentados evidenciam que houve consequências negativas. Segundo Abadie & Gardeazabal (2005), um ano antes dos ataques terroristas o IDE representava cerca de 15,8% da formação bruta de capital fixo americana. Esse percentual diminuiu para 1,5 % em 2003. Porém, a queda do IED nos EUA não pode ser atribuídas somente aos ataques 11 de setembro.

Segundo o Global Terrorism Index (2003/2004) os Estados Unidos ocupam a quarta posição de alto risco de novos ataques terroristas.

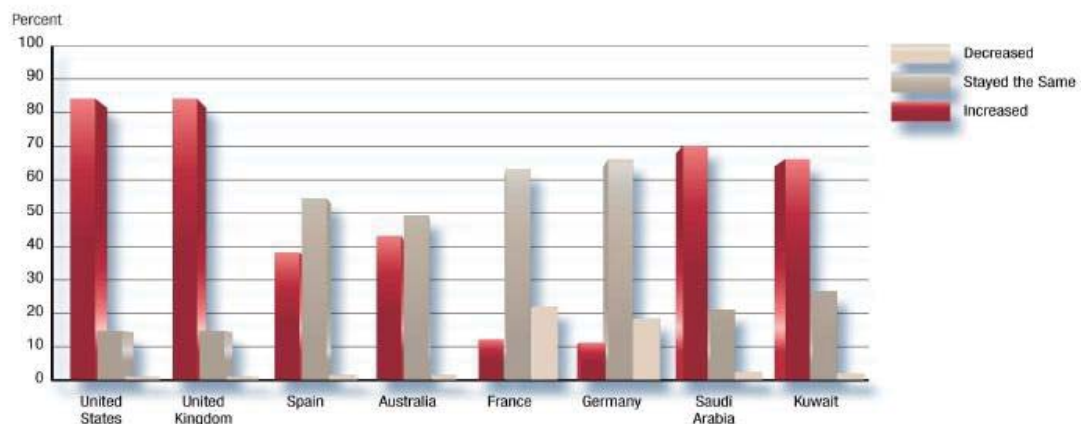
Segundo s gráficos abaixo, esse index ainda demonstrou que os Estados Unidos são considerados pelas empresas o país mais provável de se tornar um alvo terrorista além de liderarem um aumento de risco terrorista com a guerra no Iraque, respectivamente.

Gráfico 11 : Países que empresas consideram de extremo risco em se tornarem alvos terroristas



Fonte: Global Terrorism Index 2003-2004.

Gráfico 12: Relação de aumento/decréscimo no risco de terrorismo após a Guerra no Iraque.



Fonte: Global Terrorism Index 2003-2004.

Foi pensando nesses indicadores que os Estados Unidos fez uma política agressiva de contra terrorismo. Logo após 11 de setembro de 2001, foi realizado um Congresso para que medidas providenciais fossem tomadas. Surge então a Lei Patriótica dos EUA (conhecida como Patriot Act) assinado pelo então presidente George W. Bush em 26 de outubro de 2001. O objetivo do ato é Unir e Fortalecer a America oferecendo ferramentas adequadas necessárias para a interceptação e obstrução do terrorismo.

Seus principais pontos se resumem a :

- 1) Dar maior autoridade para aplicação da lei federal e oficiais de inteligência (pelo menos temporariamente) para reunir e partilhar provas a respeito de comunicações eletrônicas;
- 2) Alterar as leis de lavagem de dinheiro federal, especialmente as que envolvem atividades financeiras no exterior;
- 3) Criar novos crimes federais, aumentar as penas para crimes federais existentes e ajustar procedimentos de crimes federais já existentes, especialmente em relação aos atos de terrorismo;
- 4) Modificar a lei de imigração, aumentando a capacidade das autoridades federais para evitar terroristas estrangeiros de entrar nos EUA, deter suspeitos de terrorismo, deportar terroristas estrangeiros e atenuar as consequências adversas de imigração para as vítimas estrangeiras do 11 de Setembro;

- 5) Autorizar dotações de reforçar a capacidade da lei de imigração, órgãos de segurança e inteligência para responder mais eficazmente às ameaças do terrorismo.

O Patriot Act fez uma série de mudanças para a lei dos EUA. As mudanças-chave foram a Lei de Vigilância de Inteligência Estrangeira de 1978 (FISA), o Electronic Communications Privacy Act de 1986 (ECPA), a Lei de Controle de Lavagem de Dinheiro de 1986 e Lei do Sigilo Bancário (BSA), bem como a Lei de Imigração e Nacionalidade. O ato em si surgiu após os ataques de 11 setembro em Nova York e ao Pentágono.

3.3 Espanha:

Nesta sessão analisaremos as consequências de ataques terroristas dentro do território espanhol. Antes disso, é necessário contextualizar o leito quanto os problemas políticos e étnico no país.

A Espanha é um país formado por diversas nacionalidades que falam línguas diferentes. Essa diversidade tem alimentado sentimentos regionais nacionalistas ao longo do tempo. Todos possuem uma língua muito parecida, porém não iguais, a única exceção é o grupo Basco.

Luta entre o poder central castelhano em Madri e as diferentes nacionalidades formam a história política da Península Ibérica, que inclui Espanha e Portugal. Os berços dessas nacionalidades são reinos cristãos que lutaram com muçulmanos na conquista cristã da Espanha, entre os séculos 8 e 15.

O conflito na região Basca é especialmente interessante do ponto de vista econômico. Segundo Abadie & Gardeazabal (2003) no início das atividades do grupo, nos anos 1970, o país Basco era a terceira região mais rica da Espanha em PIB per capita, em um total de dezessete regiões.

Em 1990, depois de trinta anos de conflitos políticos e terroristas a região caiu para sexta região mais rica da Espanha. Durante esse período

as atividades do grupo resultou em quase 800 mortos. Empresários e corporações bascas foram os principais alvos de extorção e violência incluindo assassinatos, assaltos e seqüestros-para-resgate. Durante esse período houve uma crise econômica na região, atribuída pelo menos parcialmente, devido as atividades terroristas na região.

O grupo ETA foi fundado em 1959 com o objetivo de criar um estado basco independente porém só conseguiu atingir seu objetivo em 1968 quando produziu a sua primeira vítima. O ETA é composto por um pequeno número de ativistas e várias centenas de apoiantes cuja estrutura é não-hierárquica, operando em pequenas células auto-suficientes, mal relacionado com a liderança da organização.

O grupo opera no País Basco, norte da Espanha e sudoeste da França. Seu financiamento provém principalmente de torcedores bascos, do imposto revolucionário do País Basco, seqüestro-para-resgates, tráfico de drogas e assaltos armados. Seu modo de operação são bombardeios, assassinatos, e ataques de guerrilha.

A tabela 1 mostra o número de assassinatos e sequestros de 1968-2000. Atividade terrorista do ETA era baixa antes de 1973, com não mais de 2 vítimas no ano. O número de mortos aumentou em meados da década de 1970 com uma média de 16 vítimas por ano no período de 1974-1977. Os três anos mais sangrentos da ETA, 1978-1980, assistimos a um total de 235 vítimas. Nos anos seguintes, o número de assassinatos diminuiu gradualmente. Em 1980 a média de mortes foi de 39 por ano, diminuindo para 19 na década de 1990.

O número de sequestros durante o período de amostragem foi menor do que o número de assassinatos, mas evoluiu de forma semelhante. Em setembro de 1998, o ETA declarou cessar fogo por tempo indefinido. O cessar fogo durou cerca de 14 meses, terminando em novembro de 1999, ETA anunciou o fim do cessar.

Tabela 2. Cronologia de atividades terroristas do ETA.

Ano	Morte	Sequestros	Evento
1968	2	0	Primeira vítima do ETA

1969	1	0	
1970	0	1	
1971	0	0	
1972	1	1	
1973	6	1	ETA mata o primeiro ministro de Franco
1974	18	0	
1975	16	0	Morte de Franco
1976	17	4	
1977	12	1	Primeira eleição democrática
1978	68	6	Constituição Espanhola aprovada por referendo
1979	76	13	Estatuto de Autonomia Regional do País Basco aprovada
1980	91	13	
1981	30	10	
1982	38	8	
1983	32	5	
1984	32	0	
1985	37	3	
1986	40	3	Espanha entra para Comunidade Européia
1987	52	1	
1988	19	1	
1989	19	1	
1990	25	0	
1999	46	0	
1992	26	0	
1993	14	1	
1994	12	0	
1995	15	1	
1996	5	2	
1997	13	1	
1998	6	0	ETA declara cessar fogo indefinido em 18 de Setembro
1999	0	0	ETA anuncia fim do cessar fogo em 28 de Novembro
2000	23	0	

Fonte: Ministério Espanhol do Interior 2000.

Abadie & Gardeazabal (2003) fizeram um estudo sobre como as atividades terroristas influenciam no mercado de ações. Aqui trataremos essa abordagem e conclusão feita por eles.

Se os mercados financeiros são eficientes o preço do ativos devem refletir todas as informações disponíveis, e apenas reagir a novas informações. Portanto, se ataques terroristas tiveram um impacto negativo na economia Basca, os ativos Basco (ações de firmas que tem uma parte significativa de seus negócios no país Basco) devem demonstrar uma performance positiva em relação a ações não- Basca (ações de firmas que não tem uma parte significativa no país Basco) uma vez que a trégua do cessar-fogo tornou-se crível. Da mesma forma, as ações bascas devem ter um fraco desempenho em relação as ações não- bascas no final da trégua.

Para analisar as reações de ambas ações, sentiu-se a necessidade de primeiramente dividir as ações bascas e não bascas, os autores então pediram ajuda para uma determinada instituição financeira Basca para produzir essa classificação.

Foram coletados séries de retorno diário dos anos 1998, 1999 e 2000 e construído portfólios de compra e venda: uma com 14 ações basca e outra com 59 ações não basca. A carteira de compra e venda representam a carteira u investidor passivo que construiu um portfólio de valor ponderado basco e não basco.

A tabela a seguir possui números estatísticos no qual conclui-se que cinquenta e sete por cento das empresas que compõe o portfólio basco registraram endereços no País Basco enquanto nenhuma empresa com ações não basco apresentou endereço no país Basco. Em média, as empresas no país Basco são menores porém tem valores de mercado maior.

Tabela 3. Estatística Descritiva

			Basque	Non-Basque	All
Number of obs.			14	59	73
Registered in the Basque Country			Mean 0.57	0.00	0.11
Size	1997	Mean	412.28	1,999.37	1,695.00
		S.D.	362.84	4,501.26	4,091.61
		Min	117.66	17.01	17.01
		Max	1,531.68	26,778.68	26,778.68
	1998	Mean	478.70	2,948.63	2,474.94
		S.D.	348.46	7,105.34	6,453.67
		Min	104.56	15.88	15.88
		Max	1,244.64	45,347.23	45,347.23
	1999	Mean	371.43	3,346.84	2,776.21
		S.D.	406.43	11,305.43	10,216.72
		Min	56.20	9.12	9.12
		Max	1,656.38	81,292.33	81,292.33
Book-to-Market	1997	Mean	0.68	0.55	0.58
		S.D.	0.43	0.34	0.36
		Min	0.20	0.09	0.09
		Max	1.65	1.80	1.80
	1998	Mean	0.72	0.50	0.54
		S.D.	0.55	0.29	0.36
		Min	0.14	0.07	0.07
		Max	2.28	1.38	2.28
	1999	Mean	0.86	0.68	0.71
		S.D.	0.46	0.43	0.44
		Min	0.30	0.08	0.08
		Max	1.70	2.26	2.26

Fonte: Abadie & Gardezabal (2003)

Como o período analisado pelos autores foram de catorze meses graduais de trégua, para analisar seu efeito no mercado de ações foi necessário controlar os retornos de risco de longo prazo das ações.

Abadie & Gardezabal (2003) abordaram o método empírico de Fama & French (1993) mostra que o risco comum em que o o retorno de estoque é relativamente bem explicado pelo chamado Fama-French modelo de três

fatores:

$$R_t^j = \alpha^j + \beta_1^j R_t^m + \beta_2^j SMB_t + \beta_3^j HML_t + AR_t^j \quad (1)$$

Onde R_t^j é retorno em excesso (acima da taxa de risco) de uma carteira de compra e venda de j que seria ações basca e não basca em um dia t . R_t^m é o excesso de retorno da carteira de mercado no tempo t . SMB_t é a diferença entre retornos de carteiras compostas por ações de pequeno e grande porte no tempo t . HML_t é a diferença dos retornos de carteira composta por alto e baixos valores de mercado no tempo t .

R_t^m representa o fator de mercado usual em retornos enquanto SMB_t e HML_t capturam os fatores de risco relacionados ao tamanho e valor para o mercado de capital, respectivamente. O resíduo AR_t^j é um retorno da carteira média zero anormal explicado pelo risco comum de fatores.

A coluna (1) e (2) da tabela abaixo demonstra os resultados da equação (1) das carteiras basco e não basco. Os coeficientes no R_t^m , SMB_t , HML_t são todos significantes.

Tabela 4. Regressão do Portifólio, modelo Fama- French de três fatores:

	Basque (1)	Non-Basque (2)
Constant	-0.0004 (0.0003)	0.0001 (0.0002)
R^m	0.6824 (0.0361)	0.8103 (0.0184)
SMB	0.3755 (0.0461)	-0.2253 (0.0234)
HML	0.2510 (0.0399)	-0.1418 (0.0207)
Good News		
Bad News		
R-squared	0.4891	0.9107

Nota: heterocedasticidade-erros padrão robustos em parênteses. O período de amostragem consiste de 747 pregões para 1998-2000.

Fonte: Abadie & Gardezabal (2003)

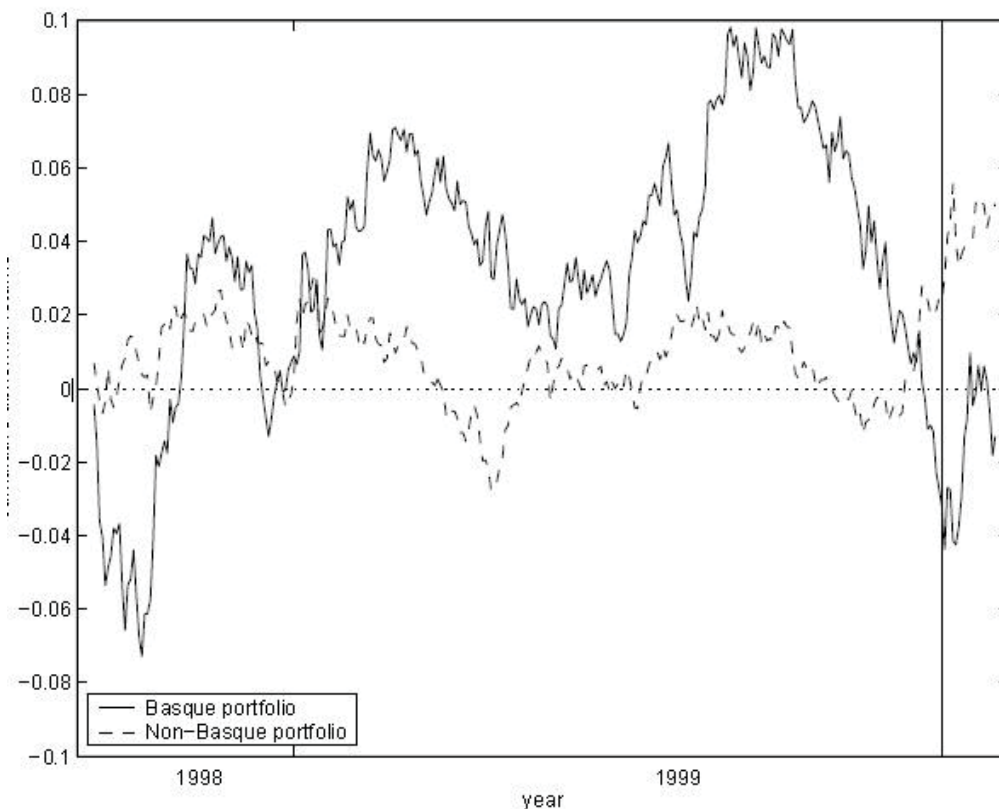
O coeficiente R^m_t são positivos em ambos os casos enquanto os coeficientes sobre SMB_t e HML_t tem sinais positivos para carteiras não bascas e negativos para carteiras não bascas. Esses resultados estão de acordo com o modelo apresentado por Fama-Fench (1993) nos quais avaliaram que retornos de carteiras construídas a partir de ações com valor de mercado pequeno e alto book-to-market (como a carteira Basco) devem responder positivamente para SMB_t e HML_t , enquanto retornos de carteiras construídas a partir de ações com valor de mercado alto e baixo book- to – market (como a carteira não Basco) respondem negativamente para SMB_t e HML_t .

Os resíduos das regressões são os retornos estimados anormais nas carteiras Basco e não-Basco. Esses retornos anormais são apropriados para comparação uma vez que são ajustados para fatores de risco conhecidos. Para visualizar a diferença no desempenho dos dois portfólios os retornos anormais são agregados ao longo do tempo. Abadie & Gardezabal (2003) calcularam o retorno anormal acumulativo como o retorno anormal agravado de uma carteira um dia depois do anuncio da trégua:

$$CAR_t^j = \left(\prod_{s=1}^t \{1 + AR_s^j\} \right) - 1. \quad (2)$$

No gráfico a seguir analisemos o desempenho das carteiras Basco e não Basco.

Gráfico 13: Retorno Anormal Cumulativo das Carteiras.



Fonte: Abadie & Gardezabal (2003).

A linha vertical do gráfico representa os retornos anormais acumulados das carteiras basco e não basco durante o período do início da trégua até o final. Pode-se observar que a carteira Basco sobre- executa a carteira não Basco durante a maior parte do período em questão exceto no início (quando o cessar-re não tinha ganhado credibilidade) e no final (quando o cessar fogo perdeu credibilidade).

Os autores adicionaram duas variáveis dummy na fórmula (1) para poder calcular estatisticamente o efeito da trégua sendo elas : boas notícias_t e más notícias_t. Boas notícias_t tem valor um para o período de negociações após o evento cinco e sete , da tabela abaixo, e valor zero para outros eventos. Más notícias_t tem valor um para o período entre as sessões de negociação após o evento onze e evento catorze, e valor zero caso contrário.

O período de boas notícias compreende 22 sessões de negociações e o período de más notícias compreende 66 sessões. Durante o período de boa notícia a credibilidade de trégua ganhou força com a revisão na políticos

ativista do ETA na prisão ,se a paz fosse consolidada pelo primeiro ministro espanhol (evento 5) e culminando com anúncio da autorização de contatos diretos com o ETA pelo governo espanhol (número do evento 7).

Em contraste, o período de Bad News foi caracterizada pelo colapso do processo de paz, a partir do reconhecimento de que os contatos foram interrompidos, feita pelo primeiro-ministro espanhol (número de evento 11), e termina com o anúncio do fim da trégua do ETA (número de evento 14).

Tabela 5. Cronologia de eventos da trégua.

Número	Data	Evento
1	12/09/98	Partidos nacionalistas bascos (incluindo braço político do ETA) assinam declaração conjunta pedindo o fim da violência eo início de negociações políticas com o governo espanhol sobre questões relativas à soberania
2	15/09/98	Ministro espanhol do Interior diz que o governo espera que “trégua falsa” do ETA visa reagrupar e ganhar apoio popular.
3	16/09/98	ETA anuncia cessar-fogo com início em 18 de setembro.
4	17/09/98	Governo espanhol expressa profundo cepticismo sobre a trégua e aconselha cautela.
5	02/10/98	Primeiro-Ministro espanhol diz que ETA ainda tem de provar o seu compromisso com a paz, mas promete mudanças em direção dos encarcerados do ETA se a paz for consolidada.
6	24/10/98	Os líderes do ETA dizem cessar fogo é “firme e sério” na BBC TV
7	03/11/98	Governo espanhol diz que autorizou contatos exploratórios com o ETA em ordem para avaliar o compromisso do ETA com o cessar-fogo.
8	24/02/99	Comunicado da ETA promete em manter cessar-fogo e alude a um novo “clima esperançoso”.
9	16/05/99	ETA diz manter contato com o governo espanhol
10	02/06/99	Governo espanhol confirma conversa com ETA
11	25/08/99	Primeiro ministro espanhol anuncia que conversa com o ETA foi interrompida.
12	26/08/99	ETA confirma que o processo de paz foi paralizado
13	28/08/99	Comunicado do ETA afirma que o processo de paz atingiu um estágio crítico “em que ou o mesmo seja concluído ou não acontecerá”
14	28/11/99	ETA anuncia o fim do cessar-fogo

Fonte: Abadie & Gardezabal (2003).

A tabela a seguir inclui as duas variáveis dummy na regressão (colunas 3 e 4). O coeficiente estimado das variáveis binárias representam os retornos anormais médios diários durante uma Boa ou Má notícia para determinado período nas carteiras basco e não basco.

Tabela 6. Regressão Modelo Fama & French com as variáveis dummy

	Basque (1)	Non-Basque (2)	Basque (3)	Non-Basque (4)	Difference (3)-(4)
Constant	-0.0004 (0.0003)	0.0001 (0.0002)	-0.0004 (0.0003)	0.0001 (0.0002)	-0.0005 (0.0003)
R^m	0.6824 (0.0361)	0.8103 (0.0184)	0.6739 (0.0366)	0.8096 (0.0186)	-0.1357 (0.0346)
SMB	0.3755 (0.0461)	-0.2253 (0.0234)	0.3657 (0.0464)	-0.2260 (0.0235)	0.5917 (0.0445)
HML	0.2510 (0.0399)	-0.1418 (0.0207)	0.2553 (0.0400)	-0.1411 (0.0207)	0.3964 (0.0382)
Good News			0.0049 (0.0021)	0.0005 (0.0009)	0.0044 (0.0022)
Bad News			-0.0017 (0.0008)	0.0001 (0.0004)	-0.0018 (0.0009)
R-squared	0.4891	0.9107	0.4966	0.9107	0.5499

Fonte: Abadie & Gardezabal (2003)

Como esperado, o coeficiente de boas notícias na carteira basca é positiva e significativo enquanto o coeficiente de más notícias é negativo e também significativo.

O resultado da carteira não basca foi pequeno e estatisticamente diferente de zero, o que implica que o terrorismo basco tem um impacto menor fora do País Basco. A última coluna da tabela (6) demonstra a diferença entre as regressões das carteiras bascas e não bascas com as variáveis dummy. A variável dependente da regressão diferença é a diferença de retornos em excesso das carteiras basco e não basco.

A regressão diferença pode ser interpretada como o que corresponde à carteira de um investidor passivo que toma uma posição longa de ações

bascas e uma posição curta em relação a estoques não basco. Essa regressão reflete um desempenho anormal positivo de ações bascos em relação as ações não bascos durante o período de boas notícias e um desempenho relativo durante o período de más notícias.

3.4 Israel:

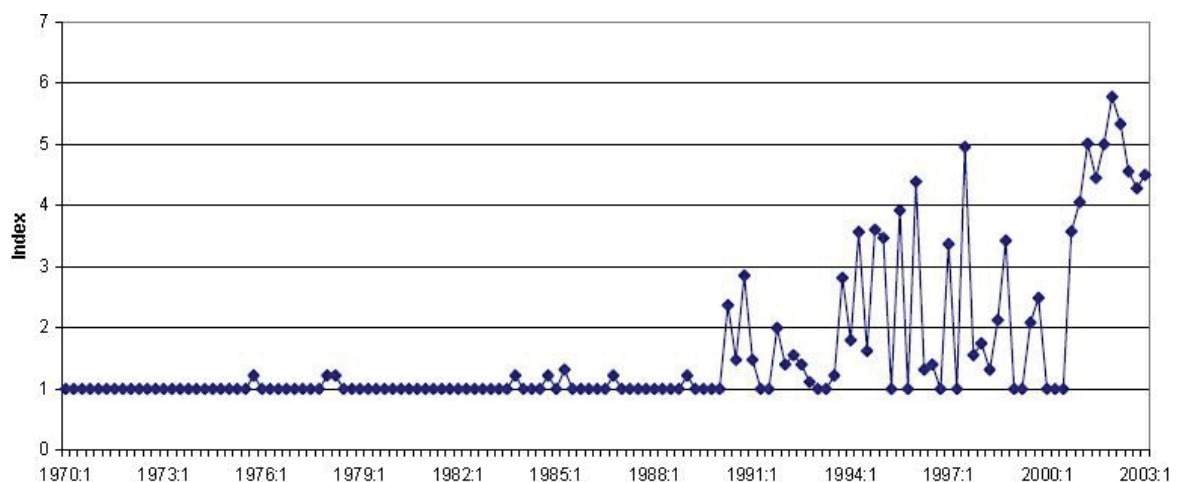
O estado de Israel é uma região que vive em várias situações de conflito e terror com diferentes objetivos políticos e econômicos. Estes eventos fazem de Israel um caso interessante para avaliação empírica se em momentos de medo e terror são momentos de um revés econômico ou se a economia reage de forma contrária.

Utilizando os dados trimestrais israelenses no período de 1970- 2003 analisaremos o impacto sobre o PIB , Investimento (I),exportação (EXP) e consumo não durável (CND). Eckstein & Tsiddont (2003) fizeram um índice de terror (TER) sendo um logaritmo natural de um índice que é igual a:

$$\text{TER} = \ln_e (x) + 1/3. \text{ Vítimas fatais de terror} + 1/3. \text{ número de feridos por terror} + 1/3 \text{ de números de eventos de terror.} \quad (1)$$

O índice terror capta o impacto de atividades violentas na economia de Israel. Um atraso deste índice tem impacto negativo na atividade econômica local. A seguir o gráfico demonstra o comportamento do index:

Gráfico 14. INDEX TERROR



Fonte: Eckstein & Tsiddont (2003).

A regressão VAR na tabela abaixo demonstra dados trimestrais com duas defasagens, cujas variáveis exógenas são: a taxa de juros real (R), com defasagens de um e dois (WAR), índice de terror (TER), dummies sazonais e de tendência linear.

Tabela 7. Regressão VAR:

	NDC	GNP	I	EXP
NDC(-1)	0.63543	0.194453	0.569679	-0.24634
	0.09708	0.10001	0.31749	0.24077
NDC(-2)	0.266238	-0.18122	-0.8069	0.074761
	0.10084	0.10388	0.32978	0.2501
GNP(-1)	-0.09868	0.44284	-0.03812	-0.79715
	0.11158	0.11495	0.36491	0.27674
GNP(-2)	-0.00814	0.366761	0.945025	0.273582
	0.12016	0.12378	0.39296	0.29801
I(-1)	0.030772	0.039855	0.562339	0.068853
	0.03169	0.03265	0.10365	0.07861
I(-2)	-0.00686	-0.04845	0.009437	-0.1174
	0.03072	0.03165	0.10047	0.0762
EXP(-1)	-0.02416	0.027413	0.023687	0.647019
	0.03637	0.03746	0.11893	0.09019
EXP(-2)	0.030923	-0.02515	-0.06956	0.136968
	0.03495	0.036	0.11429	0.08667
C	0.174188	0.303517	-1.18051	1.05092
	0.14848	0.15296	0.48559	0.36825
R(-1)	0.04798	0.012965	-0.73521	-0.35853
	0.09235	0.09514	0.30202	0.22904
R(-2)	0.114947	-0.10807	-0.09941	0.326645
	0.08982	0.09253	0.29375	0.22277
WAR	-0.03159	-0.03271	-0.13831	-0.14692
	0.01624	0.01673	0.05311	0.04028
TER(-1)	-0.00741	-0.00691	-0.01914	-0.02335
	0.0037	0.00381	0.0121	0.00917
@SE AS(1)	0.044553	0.017949	-0.0399	-0.10857
	0.01288	0.01327	0.04212	0.03194
@SE AS(2)	0.04776	0.026507	0.054288	-0.18892
	0.00921	0.00949	0.03012	0.02284
@SE AS(3)	0.042339	0.011112	-0.02744	-0.22597
	0.00928	0.00956	0.03035	0.02302
@TREND	0.000915	0.001201	-0.00215	0.006175
	0.00057	0.00058	0.00185	0.0014
R-squared	0.967148	0.980187	0.797822	0.95445
F-statistic	209.7591	352.4872	28.11628	149.2959

Fonte: Eckstein & Tsiddont (2003).

O VAR estimado fornece um bom ajuste para quase todos os dados, exceto investimento. Porém percebe-se que os pontos de viragem do PIB no início de 2001 não poderiam ser bem equiparados sem o uso da variável terror.

A variável guerra indica que em tempos de guerra o consumo não durável e o PIB per capita diminuí em 3.2% enquanto as exportações e o investimentos reduzem em 14%.

Eckstein & Tsiddont (2003) ainda tiraram a primeira diferença dessa regressão VAR por dois motivos: esta especificação implica um processo de passeio aleatório estocástico para a tendência como tal. Esta especificação permite verificar a robustez dos resultados VAR padrão. Em segundo lugar, esta especificação é visto como um modelo melhor para a previsão variáveis macroeconômicas.

Tabela 8. Primeira diferença regressão VAR

Table 3: First Difference VAR: 1970:1-2003:1

	D_NDC	D_GNP	D_I	D_EXP
D_NDC(-1)	-0.25984	0.180049	0.510384	-0.20323
	0.1019	0.10213	0.32563	0.24814
D_NDC(-2)	0.11235	0.017362	-0.27609	0.347558
	0.10351	0.10374	0.33076	0.25204
D_GNP(-1)	-0.06364	-0.49748	-0.34967	-0.82938
	0.10854	0.10878	0.34683	0.26429
D_GNP(-2)	-0.13763	-0.12514	0.431931	-0.64156
	0.11542	0.11568	0.36884	0.28106
D_I(-1)	-0.00494	0.023203	-0.32294	0.040227
	0.02975	0.02981	0.09505	0.07243
D_I(-2)	-0.00829	-0.03456	-0.3698	-0.00526
	0.02995	0.03002	0.09572	0.07294
D_EXP(-1)	-0.03921	0.025468	0.055656	-0.2784
	0.03495	0.03503	0.11169	0.08511
D_EXP(-2)	-0.00542	-0.01109	0.046617	-0.25447
	0.03597	0.03605	0.11493	0.08758
C	-0.02278	0.002673	0.052682	0.160337
	0.009	0.00902	0.02876	0.02192
D_R(-1)	-0.00806	0.09031	-0.39654	-0.10097
	0.08827	0.08846	0.28206	0.21494
WAR	-0.03182	-0.03646	-0.10328	-0.18345
	0.01645	0.01649	0.05258	0.04007
TER(-1)	-0.00557	-0.00486	-0.01303	-0.01097
	0.00271	0.00271	0.00865	0.0066
@SEAS(1)	0.049502	0.015939	-0.07681	-0.10607
	0.01334	0.01337	0.04263	0.03249
@SEAS(2)	0.053096	0.027881	0.022823	-0.14098
	0.01407	0.0141	0.04497	0.03427
@SEAS(3)	0.045716	0.013426	-0.05357	-0.2031
	0.01027	0.0103	0.03283	0.02501
R-squared	0.397748	0.310633	0.408782	0.672462

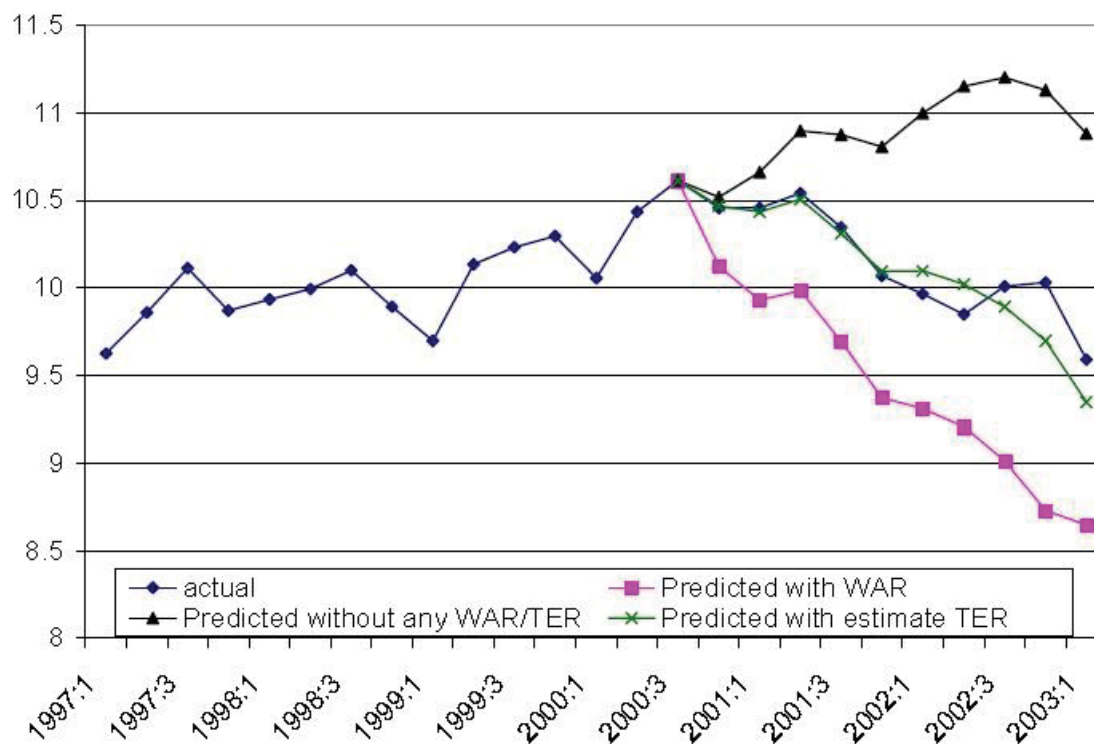
Fonte: Eckstein & Tsiddont (2003).

Os resultados importante apresentado pela primeira diferença é que os coeficientes estimados de guerra e terror são aproximadamente o mesmo valor que na outra regressão, tanto em relação a seu valor como desvio padrão. A variável dummy guerra indica redução de 3,2% para 3,6% no CND e no PIB per capita, respectivamente. O INDEX terror tem nível

baixo, porém menor de erro padrão, coeficientes em CND e PIB que em EXP e I. Ao multiplicar pela índice médio de terror “Intifada”,efeitos do terror e da guerra são da mesma ordem de magnitude.

Para demonstrar ainda mais o impacto quantitativo de terror sobre a atividade econômica prevemos PIB (gráfico 11) per capita usando o VAR similar. Porém, nessa regressão o VAR é estimado até utilizando dados antes de 2000:3

Gráfico 15:. PIB per capita 2000:4-2003:1



Fonte: Eckstein & Tsiddont (2003).

Os resultados indicam que as guerras e as atividades terroristas têm impacto agregado econômico negativo, consistente com a previsão do modelo. Isto é, o modelo nos guia esperar mudanças para afetar toda atividade econômica e não apenas alguns ramos da economia.

Claramente alguma atividades, tais como, exportação e investimento, são mais sensíveis porém mais voláteis em sua resposta. Com o intuito de analisar a importância quantitativa do terror sobre a economia, Eckstein & Tsiddont (2003) previram as quatro variáveis em três alternativas políticas:

1. Terror pára no segundo semestre de 2003 (2003:2)
2. Terror continua até o final de 2003 (2003:4)
3. Terror continua até o final de 2004 (2004:4)

Em todos os casos, assume-se contanto que o terror continue a sua continuação estará na média nível do período 2002:2-2003. Os autores também assumiram que a taxa real de juros é definida pelo período 2002:2-2003:1.

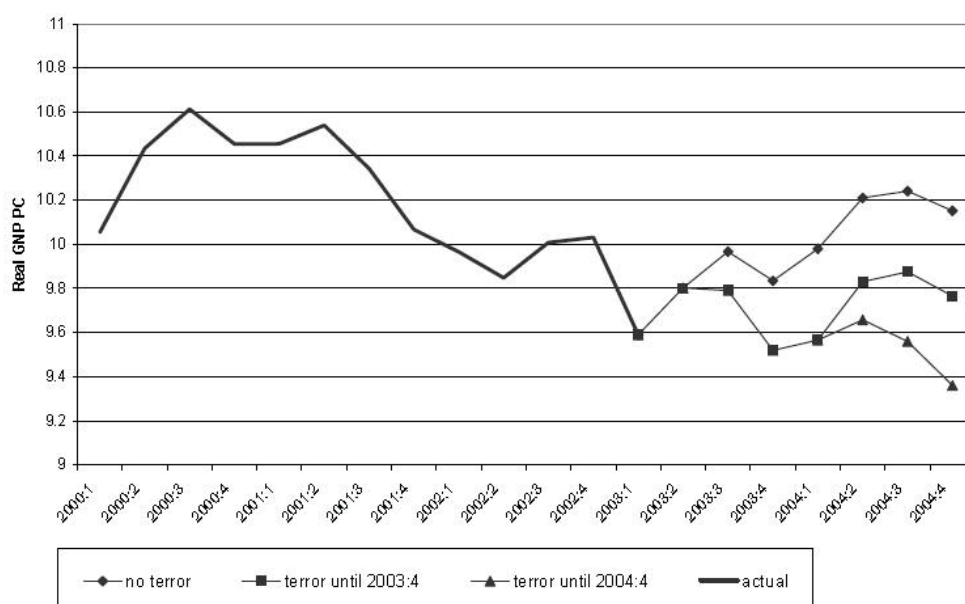
As implicações para as taxas de PIB per capita de crescimento são:

(i) Com o fim do terror em 2003:3, é previsto um crescimento do PIB per capita em torno de 4% a partir do início de 2003:3 a 2004:4. Neste caso ao longo de seis trimestres, o PIB per capita poderia recuperar cerca de metade da redução do PIB per capita desde o início da Intifada, no quarto trimestre de 2000.

(ii) Se o terror terminasse no final de 2003 os autores preveem uma taxa de crescimento nulo

iii) Se terror continua nno nível de 2002:3 - 2003:2 até o final de 2004:4, em seguida, espera-se que o PIB per capita caia em 4% a partir do início de 2003:3 até o final de 2004:4. Isto é, o PIB per capita anual diminui em cerca de 3 por cento (gráfico 12 A).

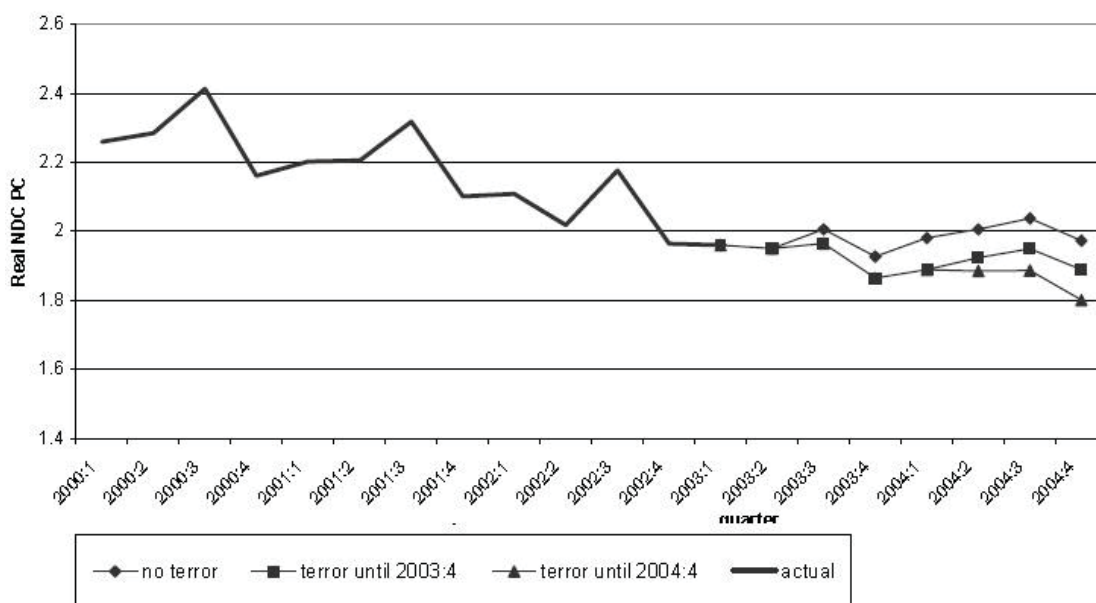
Gráfico 16.A: PIB per capita nacional real Previsão para 2003:2-2004:4



Fonte: Eckstein & Tsiddont (2003).

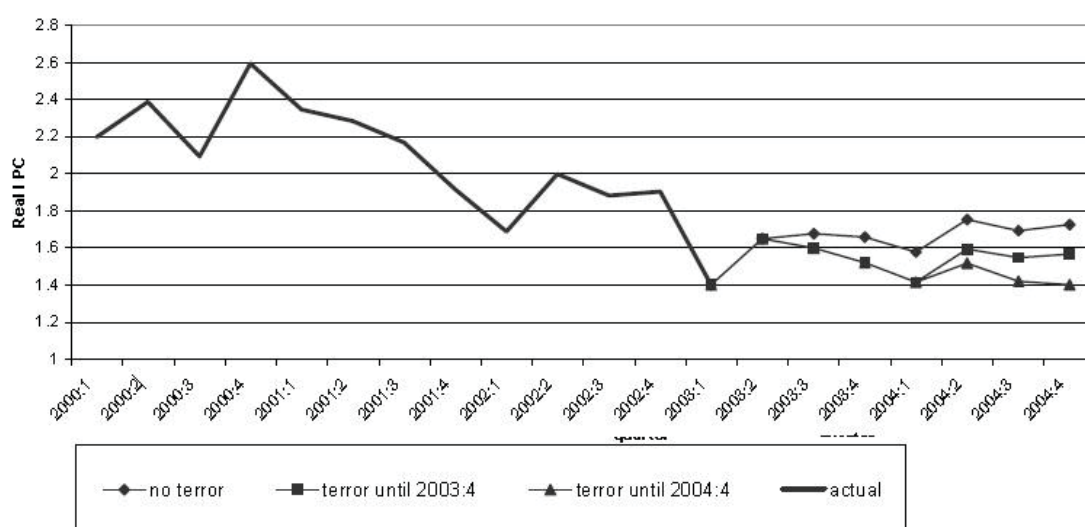
O impacto sobre os indicadores outros agregados é apenas abaixo de 5% ao ano para consumo não-durável (gráfico 12B) e 10 % para investimento (gráfico 12C). As importações, no entanto estão previstas para crescer 5% ao ano (gráfico 12D)

Gráfico 16B. Consumo não durável real. Previsão para 2003:2-2004:4



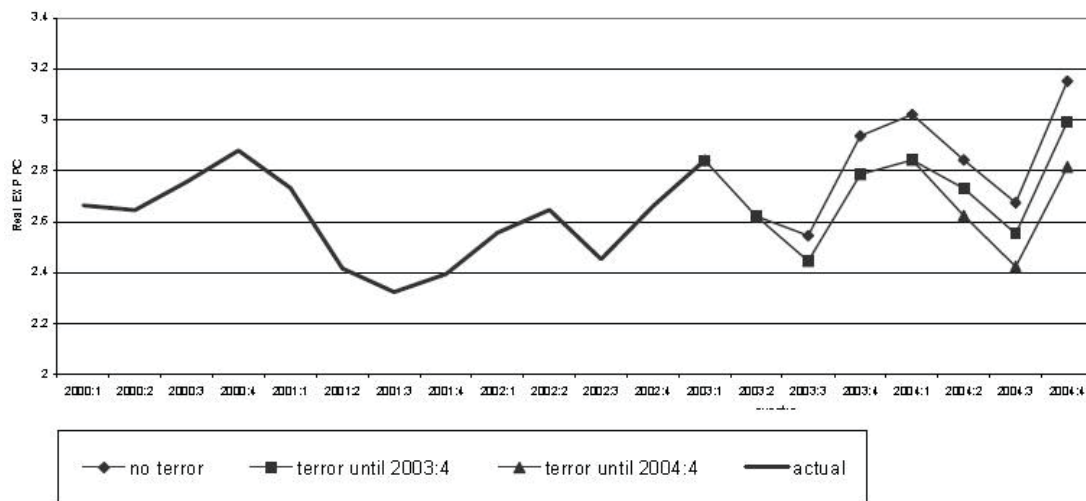
Fonte: Eckstein & Tsiddont (2003).

Gráfico 16C. Investimento real per capita Previsão para 2003:2-2004:4



Fonte: Eckstein & Tsiddont (2003).

Gráfico 12D. Exportação per capita real Previsão para 2003:2-2004:4
2



Fonte: Eckstein & Tsiddont (2003).

3.5 CONCLUSÃO:

Após o desenvolvimento deste trabalho monográfico conseguimos introduzir o leitor ao 'mundo' terrorista, para isso foi necessário explicar suas origens, definições e mostrar o desenvolvimento de seu conceito e teoria através de um cronograma histórico.

Demonstramos os diferentes pontos de vista, para apresentar a diversidade da literatura nessa área. Abordou-se também teorias mais específica do terrorismo, utilizando conceitos econômicos como teoria dos jogos e da escolha racional procurou situar o leitor quanto ao comportamento do terrorista e quais seriam seus pensamentos antes de escolher ou não praticar atividades terroristas.

Isto feito, mostramos os efeitos que as atividades podem ter na economia e como efeitos e medidas econômicas podem ter na prevenção ou não de atividades terroristas.

Foram escolhidos setores e abordagens diversas: social, econômica, financeira, comercial. Essa abordagem diversificada foi necessária para demonstrar que a questão é bem ampla e sua resolução de preocupação e interesse de diversos estratos social.

Demonstramos também a importância da ajuda mútua externa como melhor resolução para combate do terrorismo internacional, bem como apresentamos um modelo estatístico de cálculo de bem estar.

Por fim, analisamos empiricamente a situação de três países em situações distintas. Os Estados Unidos, grande potência mundial e relativamente estável em quesito de violência. Vimos que o ataque terrorista que mudou o cenário político e econômico mundial teve impactos econômicos diretos e indiretos. Diretamente houve queda no PIB, aumento da taxa de desemprego. Indiretamente, ao aplicar medidas contraterroristas, incluindo a ocupação no Iraque, o preço do petróleo na região aumentou afetando a balança comercial nacional, houve um aumento extraordinário em investimento em segurança, comprometendo as contas públicas.

Estudando o caso da Espanha, região distinta de diversas culturas e sentimento separatista, procuramos analisar como o mercado de ações e uma carteira específica é afetada dentro da região basca e não basca, após um ataque terrorista do grupo ETA. Utilizando a regressão VAR, verificou-se que o impacto em uma determinada carteira fora da região basca, apesar de não ser nula, ela é muito pequena. Concluindo, portanto, que os ataques do ETA, grupo cujo objetivo busca a independência política, econômica e geográfica do território espanhol, prejudica quase que exclusivamente a própria economia local, enfraquecendo-a e afastando-a dos anseios separatistas.

O último caso analisado também foi de uma região cheia de conflitos, não sendo a toa o fato de Israel ter um índice de terror. Mais uma vez utilizando o método VAR e analisando três possíveis situações, demonstramos como a economia é afetada negativamente quando ocorre indícios de violência e como ela se transforma quando esses indícios não existem mais.

Isto feito, acredita-se que o objetivo proposto inicialmente tenha sido concluído. Através de três capítulos distintos de subtemas mas correlacionados, procurou-se abordar um tema quase que inusitado, trazendo uma releitura de trabalhos existente procurando não revolucionar, mas contribuir para esta literatura.

BIBLIOGRAFIA:

ALI,B.M **Ideological response to terrorism and extremism**

ANDERTON C.H; CARTER J.R **On Rational Choice Theory and the Study of Terrorism.** Defence and Peace Economics, 16:4, 275-282. 2005.

BANDYOPADHYAY,S.; SANDLER,T.; YOUNAS,J. **Foreign aid as counterterrorism policy** Oxyford Economic Paper 2010.

BARBOSA, R. A *Os Estados Unidos pós 11 de setembro de 2001: implicações para a ordem mundial e para o Brasil.* Revista Brasileira de Política Internacional, 2002.

BARROS, C.P. **An invetervation analysis of terrorism: The Spanish ETA case.** Defence and Peace Economics 2010.

BELL.B.J **The Dynamics of Armed Struggle.** London,1998.

BERREBI,C. KLOR,E.F. **The impact of terrorism across industries: and empirical study**

BERREBI,C; KLOR,E.F. **The impact f Terrorism n defense industry** RAND Institute for Civil Justice Julho de 2008.

BRAITHWAITE E LI **Transnational Terrorism Hot Spots: Identification and Impact Evaluation.** Conflict Management and Peace Science forthcoming, 2007

BURNETT,J; WHITE,D. **Embedded Expertise and the New Terrorism.**

BURNETT,J; WHITE,D. **Embedded Expertise and the New Terrorism.**

BURTON.J **Deviance Terrorism and War,** Oxford: Martin Robertson, 1979.

CHEN,A.; SIEMS.T.F **The effect of terrorism on global capital markets.** European Journal of Political Economy,2004.

DE MESQUITA,E.B; **Conciliation,Counterterrorism and Patterns of terrorism violence.** 2005

DICKSON,E.; DE MESQUITA.E,B **The propaganda of the deed: terrorism,counterterrorism and mobilization.**

Eckstein,Z. & Tsiddon,D. *Macroeconomic consequences of terror: theory and case of Israel.* Journal of Monetary Economics, 2004.

ENDERS,W.; GAIBULLOEV,K.; SANDLER T. **Domestic versus transnational terrorism: data,decomposition and dynamics.** Journal of Peace Reasearch, 2001.

FRANKS,J. **Rethink the Root of Terrorism : Orthodox Terrorism Theory and Beyond.** Journal for Criem,Conflic and the Media 1(4) 1-18. 2005.

FREY,B.S.; LUECHINGER,S.;STUTZEL,A. *Calculation tragedy : assessing the costs of terrorism.* Blackwell Publishing Ltd. 2007.

FREY,B.S; LUECHINGER,S. **How to fight terrorism: Alternatives to deterrence.** Defence and Peace Economics 2003.

FRICKER Jr., R. D. **Game theory in an age of terrorism: how can statisticians contribute?** *Naval Postgraduate School.* Disponível em: <<http://faculty.nps.edu/rdfricke/docs/Fricke%2014.pdf>> acesso em: 03 de abril de 2012.

Global Terrorism Database < <http://www.start.umd.edu/gtd/> > acesso 08 de novembro de 2012.

Governo Americano < <http://www.justice.gov/archive/ll/highlights.htm> > acesso em 12 de novembro de 2012.

GREEN, DONALD P., JACK GLASER AND A. RICH. **From Lynching to Gay-Bashing: The Elu-sive Connection Between Economic**

Conditions and Hate Crime. Journal of Personality and Social Psychology. 75:1, pp. 82-92 1998.

GREEN, DONALD P., LAURENCE H. MCFALLS AND JENNIFER K. SMITH. "**Hate Crime: An Emer-gent Research Agenda.**" Annual Review of Sociol-ogy. 27, pp. 479-504. 2001

GUNNING,J;JACKSON,R; JARVIS,L;SMYTH,M.B **Terrorism : A critical introduction.** Palgrave Macmillan,12 de abril de 2011.

HARTWIG, P.R. *The costs of terrorism : how much can we aford?* Insurance Information Institute outubro de 2004.

HOFFMAN,B. **Inside of Terrorism.** Columbia University Press. Nova York 2006.

HOFFMAN,B. **Rethinking terrorism and Counterterrorism Since 9/11.** Studies in Conflict & Terrorism 2002.

JEFFERSON, PHILIP AND FREDERIC L. PRYOR. On the Geography of Hate. Economics Letters. December, 1999

JENKINS,B.M **The study of terrorism: definitional problems.**The Rand Corporation,Santa Monica, California. Novembro de 1980.

JENKINS,B.M **Will Terrorist go Nuclear?** Santa Monica, Rand Corporation.1975.

JONAS,J.; HARPER J. **Effective Counterterrorism and the limited role of predictive data mining.** Policy Analysis, Dezembro de 2006.

JONGMAN,A.J; SCHMID,A.P. **Polical Terrorism: A new Guide to Actor,Authors,Concepts,Data Bases,Theories,& Literature.** Transaction Publishers,2005.

KAROLYI,G.A; MARTELL,R. **Terrorism and Stock Market Junho de 2010.**

KRIEGER,T.;MEIERRIEKS,D. **Terrorism in the worlds of the welfare capitalism.** Journal of Conflict Resolution 2010.

KRUEGER,A.B; MALECKOVA,J. **Education,Poverty and Terrorism: Is there a casual connection?** Journal of Economic Perspective 2003.

LAKDAWALLA,D; ZANJANI,G. **Insurance,Self protection and the economics of terrorism.** RAND Institute for Civil Justice. Julho de 2004.

LAPAN,H.E;SANDLER T. **The calculus of dissent: An analysis of terrorist's choice of target.** Kluwel Academic Publishers. 1988.

LAQUEUR,W. **Terrorism.** London: Weidenfeld and Nicholson 1977

LI E SCHAUB **Economic Globalization and Transnational Terrorism: A Pooled Time-Series Analysis** Journal of Conflict Resolution April 2004 48:230-258,

LI,Q. **Does Democracy Promote or Reduce Transnational Terrorist Incidents?** Journal of Conflict Resolution April 2005 49:278-297

MIDGLEY,J.;TANG,K-I. **Introduction: social policy, economic growth and developmental welfare.** International Journal of Social Welfare 2001

MILLER.D;MILLS.T **The terror experts and the mainstream media:the expert nexus and its dominance in the news media.** , Critical Studies on Terrorism, 2:3, 414-437. 2009.

NITSCH,V.; SCHUMACHER,D. **Terrorism and Trade.** Julho de 2003.

REID,E. *Evolution of a body of knowledge: an analysis of terrorism research.* Elsevier 1997.

RUBENSTEIN,R.E **Alchemists of Revolution – Terrorism in the Modern World.** Basic Books 1987.

SANDLER et.al **A theoretical analysis of transnational terrorism.** Disponível em <
<http://www.jstor.org/discover/10.2307/1956010?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21101019487513> > JSTOR 1983.

SANDLER T.; SIQUEIRA K. **Games and Terrorism Recent Developments.** University of Texas. 2003.

Sites:

SÖNMEZ, S. AND A.R. GRAEFE **Influence of Terrorism Risk on Foreign Tourism Decisions.** *Annals of Tourism Research*,1998.

VILLAMAYOR,V.P;ROA,J.V **¿ES LA POBREZA LA CAUSA DEL TERRORISMO?** Janeiro de 2006.